

Meu irmão amanhã ou depois  
a gente se encontra no velho lugar  
se abraça e fala da vida que foi por aí  
por aí...  
e conta as estrelas nas pontas dos dedos  
pra ver quantas brilham  
e qual se apagou.

(Luiz Gonzaga Júnior)

SICUIO  
2472878

A EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO  
"SISTEMA PAULO FREIRE DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS" EM BRASÍLIA,  
EM 1963

**A P R E S E N T A Ç Ã O**  
=====

- 1. O CONTEXTO SOCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO DOS ANOS 60
- 2. AS PROPOSTAS INICIAIS DE BRASÍLIA, NA ÁREA DA EDUCAÇÃO E CULTURA.
  - 2.1 Competências do Governo do DF
    - 2.1.1 - A educação elementar
    - 2.1.2 - Educação média
    - 2.1.3 - Formação do professor primário
    - 2.1.4 - A Fundação Cultural
  - 2.2 Competências do Governo Federal
    - 2.2.1 - A Universidade de Brasília
- 3. AS CIRCUNSTÂNCIAS DE BRASÍLIA, EM 1963
  - 3.1 Situação econômico-social
  - 3.2 Situação educacional
  - 3.3 As primeiras experiências de alfabetização de adultos
    - 3.3.1 - Experiências nos canteiros de obras
    - 3.3.2 - Experiência de Sobradinho
    - 3.3.3 - Experiências na UnB
- 4. A EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO MÉTODO PAULO FREIRE DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM BRASÍLIA, EM 1963
  - 4.1 Fundamentação Teórica

4.2 Histórico

4.3 Recrutamento de alfabetizandos

4.4 Pesquisa do universo vocabular e escolha da palavra geradora

4.5 Escolhados coordenadores

4.6 Discussão do conceito de cultura

4.7 Execução prática da alfabetização

5. CONCLUSÕES

5.1 Em relação ao trabalho do grupo

5.2 Em relação à experiência realizada

5.3 Em relação ao conteúdo político

6. BIBLIOGRAFIA

7. ANEXOS

## A P R E S E N T A Ç Ã O

= = = = =

O presente trabalho foi elaborado para atender à exigência curricular dos Seminários "Comunicação e Educação Popular", e "Sistemas não formais de Educação" coordenados pelos Professores Helena Barros e Venício Artur de Lima para alunos que cursam Mestrado de Educação e de Comunicação, na UnB, em 1980.

Definido o tema básico do trabalho, a reconstituição da experiência de alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire realizada em Brasília, em 1963 - formou-se um grupo de seis alunos - em comum interessados em Educação Popular e em Brasília - assim constituído:

Célia Barbosa - Orientadora-educacional, residente em Brasília há 12 anos.

Lúcia Maria da Franca Rocha - Técnica em Assuntos Educacionais, 6 anos de Brasília.

Maria Ângela Teixeira - Licenciada em Filosofia, 2 anos em Brasília.

Maria de Souza Duarte - Assistente Social, 10 anos em Brasília.

Núbia Vianna Prates - Professora de português e Técnica em Assuntos Educacionais, 18 anos em Brasília.

Ricardo Ferreira da Silva - Economista, 7 anos em Brasília.

O grupo decidiu que o trabalho teria como objetivos:

- explicitar as circunstâncias que, em 1963, em Brasília, cercaram a realização de um experimento de aplicação do Método Paulo Freire, antes de sua institucionalização ao nível nacional.
- reconstituir a memória de uma experiência de educação popular, através de levantamento da documentação existente e de depoimentos de pessoas que nela estiveram envolvidos como institucionalizadores, coordenadores ou alfabetizandos.
- correlacionar a experiência realizada - nos limites em que a reconstituição feita permitiu conhecê-la - com a

fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de Educação discutida durante o Seminário.

Definidos os objetivos, o roteiro básico do trabalho e as tarefas a executar, o grupo estabeleceu as bases para o procedimento metodológico adequado para o levantamento de dados e a reconstituição da experiência.

Inicialmente, foram relacionadas as fontes de consulta que serviriam como ponto de partida para o trabalho: levantamento de documentos sobre Brasília e sobre a experiência, contatos com pioneiros, principalmente os vinculados com as áreas de comunicação, educação e cultura, consulta de noticiário jornalístico da época. A partir daí, estabeleceu-se uma verdadeira rede de informações, que direcionou a elaboração do trabalho.

O levantamento processou-se com a utilização de vários instrumentos, de acordo com a natureza dos dados:

- visitas a órgãos públicos.
- revisão bibliográfica.
- entrevistas e contatos pessoais ou telefônicos.
- consulta a periódicos e documentos oficiais.

As visitas aos Órgãos públicos, com finalidade de localizar pessoas ou documentos de interesse, incluíram Entidades como Senado Federal, Câmara dos Deputados, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação e Cultura do DF, Fundação Educacional do DF, Fundação Cultural do DF, Museu da Imagem e do Som e Universidade de Brasília.

A revisão bibliográfica seria para o estabelecimento de referencial teórico de fundamentação do trabalho.

A relação dos trabalhos consultados é a que figura na Bibliografia.

Os contatos com pioneiros, autoridades, educadores e demais pessoas que tomaram parte na experiência constituíram a fonte mais rica para obtenção de dados, face a inexistência de qualquer documentação sistematizada sobre o assunto. Cerca de 64 informantes foram ouvidos, quer seja através de contatos diretos, por telefone ou reuniões.

O volume e a diversidade do material coletado ultrapassaram a perspectiva inicial do grupo, levando a que se optasse pela inclusão de todo o acervo obtido na apresentação

do trabalho.

Tal medida, ainda que incorrendo em possíveis prejuizos para o estabelecimento de correlações entre as partes, já que a seleção deveria basear-se em criteriosa fundamentação, resultou da exiguidade de tempo para a apresentação do trabalho - a primeira reunião do grupo ocorreu a 19 de outubro e a apresentação foi fixada para 20 de novembro de 1980.

A ordenação dada ao trabalho partiu do mais abrangente - o contexto sócio-econômico do Brasil nos anos 60 - para facilitar a compreensão da situação particular que se queria reconstituir e realizada em Brasília, em 1963 (ver roteiro do trabalho).

O grupo considera que a correlação entre a experiência prática analisada e a fundamentação teórica do Método Paulo Freire, tentada nas "conclusões" do trabalho, carece de maior aprofundamento, e poderá ser feita com a retomada do trabalho, talvez por elementos do próprio grupo, em caráter de dissertação.

Finalizando, o grupo faz dois destaques especiais:

- agradecimento à tódas as pessoas que se dispuseram a falar de uma experiência interrompida pela força, que ainda desperta "receios" e que quase nunca é considerada de forma isenta - (mas que poderá "renascer de si mesma).
- a rica experiência de interesse, envolvimento, integração e co-responsabilidade que a elaboração do trabalho possibilitou a cada um dos seis integrantes do grupo.

## 2. AS PROPOSTAS INICIAIS DE BRASÍLIA, NA ÁREA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Ainda que a interiorização da Capital do Brasil seja i déia que aparece em documentos diversos ao curso da História do Brasil - a primeira referência à mudança é feita por Francisco C o lombina, em 1750 - as medidas efetivas para isso, em termos legisla t ivos, começam na década de 50, quando Getulio Vargas assina o Decreto nº 32.976 de 08.06.53, criando a "Comissão para localização da Nova Capital", e vão até a criação, por Juscelino Kubitschek, em setembro de 1956, da Companhia Construtora da Nova Capital, d irigida por Israel Pinheiro da Silva, Bernardo Sayão, Ernesto Silva e Iris Meimberg. Correspondendo à euforia desenvolvimentista da época, Brasília deveria ser "elemento catalizador da economia regional, fulcro do desenvolvimento nacional e centro de irradiação político-social".

Lucio Costa, autor do projeto da cidade, escolhido através de concurso de nível internacional, "pensou" a cidade não apenas como "urbs", mas como "civitas", definido o plano piloto em 3 escalas: a coletiva ou monumental, a cotidiana ou residencial e a concentrada ou gregária ("é assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional").

Porque se pensava numa cidade revolucionária não apenas no aspecto urbanístico e arquitetônico, foram chamados especialistas para planejarem os vários sistemas que deveriam constituir a cidade; os sistemas agrícolas, educacional, médico-hospitalar, social, etc.

São as propostas iniciais para a área de educação que e x plicitamos aqui, apresentadas de acordo com o nível de competência em que foram colocadas:



- o que seria de responsabilidade do Governo do Distrito Federal, compreendendo a Educação Elementar, Média, a formação de professores primários e a cultura.
- o que seria de responsabilidade do Governo Federal, compreendendo o ensino superior, a cargo da Universidade de Brasília.

2.1 - competência do Governo do Distrito Federal - O plano educacional de Brasília começou a ser elaborado em 1956, sob a responsabilidade de Ernesto Silva, Anísio Teixeira, Paulo de Almeida Campos e Nair Durão Barbosa Prates, tendo sido criado, junto à NOVACAP, o Departamento de Educação e Difusão Cultural.

Esse plano, estruturado em 1957, definia o que seria de competência do Governo do Distrito Federal na área do ensino, em vinculação com o que era proposto, em termos espaciais, no projeto de Lúcio Costa. As idéias gerais do plano elaborado pelo Departamento de Educação e Difusão Cultural da NOVACAP estavam assim apresentados:

ESTE

- distribuir equitativa e equidistantemente as escolas entre o Plano Piloto e as cidades - satélites;
- concentrar, na mesma escola, crianças de todas as classes sociais;
- possibilitar ensino a todas as crianças e adolescentes;
- dar ênfase à educação integral, colocando a escola como centro de educação para a vida, com setores vinculados à instrução propriamente dita e setores com atividades socializantes, recreativas e artísticas;
- eliminar do currículo temas inadequados ou sem vinculação com as necessidades da vida quotidiana;
- introduzir, em coerência com a civilização técnica para a qual os alunos deveriam ser preparados, recursos como a TV, o rádio, o cinema.

Em 17.06.60 foi criada a Secretaria de Educação do Distrito Federal, compreendendo a Fundação Educacional e a Fundação Cultural, de cujo conselho participou, inicialmente, o Dr. Ernesto Silva, um dos responsáveis pela elaboração do plano educacional de Brasília (anexo 1, Depoimento 1).

Merece destaque o fato de não ter havido, nas propostas iniciais, nenhuma referência à alfabetização de adultos, modalidade bastante enfatizada na área educacional, à época.

No relatório descritivo "Educação Primária no Distrito Federal", no período compreendido entre 1957 e 1971 (anexo 3), há apenas referências ao Decreto nº 481, de 14.01.66, que aprova o Regimento da SEC/GDF, no qual era constituída de uma coordenação de Ensino Primário Supletivo. Em 1967, a SEC requisitou um professor com especialização em Educação de Adultos, feita na Dinamarca, para prestar serviços junto a essa Assessoria.

Segundo dados colhidos junto à FEDF, em 1962 foi criada a Associação do Ensino Supletivo, em convênio MEC/FEDF, visando a atender adultos. A partir de 1964, a FEDF iniciou a criação de turmas de 1ª e 5ª série do ensino regular, funcionando no turno noturno, para adultos.

Segundo informações prestadas ao grupo pelo Dr. Ernesto Silva, a inexistência de preocupação expressa no Plano, sobre alfabetização de adultos, devia-se ao fato de que a Comissão considerava fundamental garantir a educação integral a crianças e adolescentes, na faixa etária do ensino regular. Assim sendo, a longo prazo - 30 anos, por exemplo - o analfabetismo desapareceria.

A preocupação com a clientela adulta não escolarizada deveria centrar-se em programas especiais de educação, vinculados às condições de vida e que possibilitasse uma ocupação adequada, incluindo ou não a alfabetização, de acordo com as necessidades apontadas pelo próprio grupo interessado (Depoimento nº 1, anexo 1)

Eis, nas linhas abaixo, de modo esquemático, o plano idealizado:

ESTE

### 2.1.1. - A Educação Elementar

Os Centros de Educação Elementar seriam integrados por um conjunto de 4 jardins de infância, 4 escolas-classe e uma escola-parque, servindo a 4 quadras, constituindo da seguinte forma:

- Jardins de infância, destinados à educação de crianças nas idades de 4 a 6 anos;
- Escolas-Classe, responsáveis pela educação intelectual sistemática, para faixa etária de 7 a 12 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares;
- Escola-Parque, destinada a completar a tarefa das escolas-classe, mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança, e sua iniciação no trabalho, por uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área, assim constituída:
- Biblioteca Infantil e Museu;
- Pavilhão para atividades de artes industriais;
- Conjunto para atividades de recreação;
- Conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes e exposições);
- dependências para refeitório e administração;
- Pequenos conjuntos residenciais para menores de 7 a 14 anos, sem família, sujeitos às mesmas atividades educativas que os alunos externos.

Como Brasília foi planejada em quadras, cada uma abrangendo uma população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, estabelecendo-se o seguinte cálculo da população escolarizável para os níveis elementar e médio;

Para cada quadra:

1 jardim de infância, com 4 salas para, em 2 turnos, atender a 480 alunos (8 turmas de 60 alunos).

Para cada grupo de 4 quadras:

1 escola-parque destinada a atender, em 2 turnos, cerca de 2 mil alunos de 4 escolas-classe, em atividades de iniciação ao

trabalho (para meninos de 10 a 14 anos) nas pequenas oficinas de artes industriais (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cestaria, cartonagem, costura, bordado e trabalho em couro, lã, madeira, metal etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, grêmios, educação física).

A frequência à escola-parque seria diária, em regime de revezamento com o horário das escolas-classe.

### 2.1.2. - A Educação Média

Os centros de Educação Média destinavam-se à oferta de oportunidades educacionais a jovens de 11 a 18 anos, na proporção de um para cada conjunto populacional de 30.000 habitantes, com capacidade para abrigar 3.200 alunos (10,7% de um grupo populacional de 30 mil habitantes). Cada Centro de Educação Média compreenderia um conjunto de edifícios destinados a:

- Escola média, para cursos acadêmicos, técnicos e científicos.
- Centro de Educação Física, com quadras para vôlei, basquete, piscina, campo de futebol, etc.
- Centro Cultural para teatro, exposições e clubes.
- Biblioteca e museu.
- Administração.
- Restaurante.

Os diferentes edifícios e as dependências para esportes do Centro de Educação Média formariam um conjunto, localizado na mesma área, possibilitando aos estudantes comunidades de vida e de trabalho, em horário integral.

### 2.1.3. - Formação do Professor Primário

Esta seria oferecida em Institutos de Educação, que, como unidades escolares tipicamente profissionais, compreenderiam:

- Curso normal;
- Cursos de aperfeiçoamento e especialização do magistério primário;

- Escola de aplicação, constituída de uma escola-classe e de um jardim de infância.

2.1.4. - A FUNDAÇÃO CULTURAL

A Fundação Cultural, criada em 17 de junho de 1960, integrava juntamente com a FEDF a estrutura da Secretaria de Educação e Cultura do DF. Ferrairia Gullar, primeiro diretor da Fundação Cultural do DF, a projetou como um núcleo de irradiação e estímulo à cultura local, que imaginou essencialmente candanga, produto de transplantação de brasileiros de todas as regiões, principalmente a nordestina, para o Planalto Central, como co-autor da cidade. O projeto cultural para a cidade deveria considerar uma realidade específica: Brasília era a junção do mais antigo - a cultura trazida pela mão-de-obra operária - com o mais novo do Brasil - o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer. Por isso, a FC deveria promover, em Brasília, o que havia de mais moderno e atual nos diferentes campos da cultura; no teatro, na música, na literatura, nas artes plásticas. A essas atividades deveria ser acrescentada a de estimular atividades locais de arte popular. Para tanto, foram previstas iniciativas como a criação de "ateliers" onde o candango pudesse realizar o trabalho de artesanato, de arte popular, que ele trazia naturalmente, como tradição, como acúmulo cultural; o estímulo a vertentes de cultura popular diversificadas, como, a apresentação de Escolas de Samba, de Teatro de Mamulengos, etc.; a criação de um Museu de Arte Popular que, ao mesmo tempo, constituísse local para a venda de artesanato, o que possibilitaria a criação de mercado para os artistas populares - o vínculo com eles iria-se ampliando e seria uma forma de estimular e manter viva a produção cultural de todo o Brasil (anexo 4).

2.2 - Competência do Governo Federal

O projeto da Universidade de Brasília foi iniciativa do Governo Federal, sendo constituída sob a forma de Fundação.

2.2.1 - A Universidade de Brasília, projetada por uma comissão nomeada por Juscelino Kubitschek em 1960, composta por Dar

cy Ribeiro, Oscar Niemeyer e Ciro dos Anjos, com a Assessoria constante de Anísio Teixeira, a UnB foi criada pela Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, e seus primeiros cursos começaram a funcionar em março de 1962. (em anexo 5, Plano Orientador da Universidade de Brasília).

Idealizada como experiência pioneira, vinculada às propostas de reforma da universidade brasileira, o projeto da UnB despertou muita polêmica, tendo sido discutido, inclusive, em reunião especial convocada pela SBPC, em outubro de 1960. Israel Pinheiro, por exemplo, considerava que Brasília não deveria ter uma universidade, pelas possibilidades de manifestações estudantis (junto com greves operárias) "porem a perder todo o esforço de interiorização da capital"; Anísio Teixeira pensava inicialmente que a UnB deveria ser estruturada apenas com um centro de pós-graduação, destinada a preparar o magistério superior de todo o país; e a Companhia de Jesus aspirava a criação de uma Universidade Católica.

A proposta da UnB tinha como princípio básico "lealdade aos padrões internacionais do saber e à busca de soluções para os problemas nacionais". Sua organização era baseada na integração de três modalidades de órgãos: os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Complementares.

Os Institutos Centrais ministrariam cursos introdutórios de quatro semestres, para todos os alunos da universidade; os cursos profissionais seriam ministrados nas Faculdades, visando treinamento especializado para o exercício de uma profissão. Haveria ainda cursos de graduação científica, de 2 anos<sup>04</sup> mais, após o Bacharelado, e programas de Doutorado.

Os órgãos complementares destinavam-se a funcionar supletivamente, como centros de extensão para a cidade e para o país. Um desses órgãos era o "Centro de extensão cultural", que teve uma atuação muito grande nos primeiros anos da universidade, (ver anexo 6).

Estruturada como Fundação, o Conselho Diretor, composto por 6 membros, seria o órgão supremo da UnB, com funções inclusive de eleger o Reitor e o Vice-Reitor. Seu <sup>corpo</sup> docente teria plena auto

nomia didática, técnica e científica, reunidos em Conselhos Departamentais, Congregações de Carreira e Assembléias Universitárias.

A estimativa do número de alunos, previa que, já em 1970, a UnB poderia chegar a atender a 15.000 alunos, selecionados em todo país, assegurando a cada Estado uma quota de matrículas, e 15% das vagas para países de América Latina. Esses alunos seriam mantidos, enquanto estudantes, por bolsas de estudos custeadas pela União, pelos Estados e Municípios, por Empresas Privadas e por países e Organizações Internacionais.

Foi previsto um programa especial de formação de professores universitários, para atender ao número de alunos previstos, estabelecida a relação de um docente para 6 alunos.

### 3. AS CIRCUNSTÂNCIAS DE BRASÍLIA, EM 1963

Torna-se fácil imaginar que, dentro do contexto dos anos 60, ~~tal como visto no item 1~~, as circunstâncias de Brasília, em 1963, não correspondiam às idéias iniciais colocadas para a cidade. Seria mesmo ingênuo pensar que um harmonioso planejamento do espaço e disciplinamento do seu uso permitisse alterar estruturas ditadas pela nossa história, pela nossa cultura e pela nossa ~~estrutura~~ estrutura político-econômica. Isso não invalida o que foi pensado, proposto como um "vir a ser". É preciso não confundir causas e efeitos e, por exemplo, pensar que, pelo fato de não refletir nossa realidade, foi a estrutura urbanística pensada para a cidade a causa da segregação de pobres e trabalhadores nas cidades - satélites, ou das discrepantes injustiças e desigualdade sociais existentes em Brasília.

Em 1963, segundo fontes diversificadas de dados, a população do DF variava de 120.000 a 140.000 habitantes, dos quais cerca de 50% habitavam o Plano Piloto.

3.1. - A Situação Econômico-Social, do ponto de vista econômico-social, a cidade enfrentava séria crise, causada pela desativação do ritmo de obras mantido até a posse de Jânio Quadros, que não aceitava a cidade, segundo vários depoimentos ouvidos. Sua renúncia acelerou o processo de esvaziamento da cidade; no Congresso, muitos parlamentares discutiam o retorno da Capital para o Rio de Janeiro.

A desaceleração do ritmo de construção civil; a ausência de setor industrial; a não diminuição do fluxo migratório para Brasília - face a problemas como seca, no Nordeste - e a falta de planejamento, ao nível de governo, de novos investimentos públicos que deslocassem de Brasília mão-de-obra, equipamentos, etc. para outras frentes pioneiras, torna grave o problema de desemprego, com suas óbvias consequências sociais. Grande parte da população é marginalizada, pela impossibilidade de absorção em uma atividade permanente. As Companhias Construtoras, devido à desaceleração do ritmo das obras, destroem os "acampamentos", e os operários e mesmo



2 famílias que neles moravam transferem-se para "invasões" e cidades-satélites.

Por pressão dos Sindicatos, o Governo toma algumas medidas: tenta que Companhias Construtoras mantenham mais empregados do que o necessário para as poucas obras governamentais em execução, o que encarece o custo das mesmas; faz tentativas para que a mão-de-obra excedente retorne às cidades de origem ou sejam absorvidas na região rural periférica de Brasília; começa a vender aos usuários os imóveis funcionais que ocupavam.

Tais medidas não solucionam, como é óbvio, os problemas existentes, e começam a se acentuar as distorções em relação às idéias iniciais da cidade:

- os funcionários menos qualificados e operários são impelidos para as cidades-satélites, inclusive porque muitas "invasões" são destruídas, para "preservar" o Plano-Piloto, elitizando-o. Perde-se o "sentido integrador" das várias classes sociais proposto inicialmente. A exacerbação, as indefinições e o jogo-de-poder do contexto-político da época tornam muito vulnerável a consolidação de Brasília como Capital da República (depoimento nº 9, anexo 1).

### 3.2. - Situação Educacional

Em 1963, Brasília contava com 24.039 alunos matriculados no ciclo elementar, 2.200 no 2º ciclo e 745 universitários frequentando cursos de Arquitetura, Direito, Administração, Economia e Letras.

A elitização do Plano Piloto faz com que as atenções e os recursos governamentais, se voltem, com prioridade, para essa área (não se construindo, por exemplo, em cidade satélite, Jardins de Infância)

Não se consegue dar o curso previsto às propostas de vinculação entre educação e cultura. Só se constrói uma Escola - Parque, no centro da Asa Sul do Plano Piloto.

O Centro de Extensão Cultural da Universidade de Brasília chega a realizar uma programação intensa (anexo 7), mas muito ao nível de Plano Piloto.

A Fundação Cultural, com verbas insuficientes e sem espa-  
ços culturais próprios para suas atividades, enfrenta dificulda-  
des.

A saída de Ferreira Gullar da Presidência da Fundação, em  
decorrência da renúncia de Jânio Quadros, praticamente impede a  
efetivação das suas idéias.

Tais dificuldades, foram agravadas pela falta de conti-  
nuidade administrativa - no período entre 1961 e 1963 passaram pe-  
lo MEC 5 Ministros e pela SEC/GDF 6 Secretários de Educação (4  
titulares e 2 substitutos em exercício) (anexo nº 8).

Aos problemas acima aludidos, juntam-se as dificuldades  
inerentes à uma cidade que "começa", enfrentando resistências à sua  
própria existência como Capital; a perda do caráter pioneiro, de  
"aventura solidarizante" que marcavam as relações entre os "pio-  
neiros" da época de construção de Brasília; a inexistência de vín-  
culos maiores entre as pessoas que aqui chegavam, em busca de me-  
lhores perspectivas de vida, tendo que estruturar seus pontos de  
referência, de relacionamento e de formas de vida numa cidade até  
"espacialmente" diferente.

### 3.3. As primeiras experiências de alfabetização de adultos.

Ainda que não previstas nos projetos educacionais expli-  
cados para a cidade - e talvez decorrente da atualidade da ques-  
tão, na época, alguns depoimentos tratam de experiências de alfabe-  
tização realizadas em Brasília, antes da aplicação institucionaliza-  
da do método Paulo Freire. A seguir, algumas delas são apresenta-  
das.

3.3.1 - Experiências nos canteiros de obra - realizadas,  
segundo depoimento do Dr. Inezil Pena Marinho (anexo 1 - depoimen-  
to nº 3) entre os anos de 1958 a 1960, com operários da construção  
civil, nos próprios acampamentos de obras, utilizando os <sup>empregados das</sup> firmas  
e os engenheiros e funcionários como alfabetizadores. Segundo o  
informante, chegaram a funcionar 293 classes, atingindo 10.000 al-  
fabetizando.

Outros depoimentos (ver anexo 1 nº 4), contradizem esse

relato, pois enfatizam ser pequeno o número de analfabetos que vi-  
 nham para Brasília, e que o operário, após jornadas médias de até  
 14 hs. de trabalho, tinha poucas condições físicas para participar  
 de classes de alfabetização.

3.3.2. - Experiência em Sobradinho - realizada em 1962, por iniciativa do Chefe do Centro Social da Fundação de Serviço Social-GDF (anexo I, depoimento nº 4). Segundo seu depoimento, sua experiência anterior, no Rio de Janeiro, vinculada ao sistema SI-RENA, do MEC (alfabetização através de aulas radiofônicas) o motivou para tentar experiência similar em Sobradinho. Apesar da divulgação e mobilização feitas, de se contar com a colaboração de 36 monitores, recrutados entre a população local, a experiência "esvaziou-se". O informante atribue isso ao fato de ser muito pequeno o número de analfabetos encontrados - o levantamento foi feito de casa em casa, pelos monitores -. Influuiu também o "cansaço" provocado por condições difíceis de vida e trabalho.

3.3.3. - Experiência na Universidade de Brasília - realizada por alunos da UnB - vinculadas talvez ao posicionamento de Entidades estudantis, inclusive a UNE, em relação à alfabetização de adultos como forma de aproximação com o povo - grupos de estudantes deram início, em 1962, a diversas experiências de alfabetização, na própria Universidade ou em outros locais (anexo I, depoimentos nºs 5, 6, 7 e 8 e anexo 9). Vinculada a essas experiências, houve o episódio da chamada "Primeira Cartilha do Povo": um dirigente estudantil da UnB elaborou, por sua própria conta, uma "cartilha" a ser utilizada nas experiências de alfabetização. A cartilha teria sido impressa, no período de férias escolares de janeiro e fevereiro de 63, nos serviços de Mecanografia da UnB. Por seu conteúdo panfletário, inclusive com erros de Português, a cartilha foi recolhida, refutada pelos próprios estudantes, e objeto de muita polêmica. O deputado Abel Rafael fez denúncia no plenário da Câmara (anexo 10), respondida por carta de Pompeu de Souza (anexo 9)

A imprensa de Brasília, do Rio de Janeiro e de São Paulo deu ampla divulgação ao episódio, sobretudo, a que fazia oposi-

ção sistemática ao governo (anexo II), recortes referentes aos meses de abril e maio).

#### 4. Experiência de Alfabetização em Brasília Aplicação do Método Paulo Freire

##### 4.1 - Fundamentação Teórica

O Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos projetou-se no Brasil nos anos 60, inspirando movimentos relacionados à cultura popular. Nesse método, o educador e educando figuram como sujeitos do conhecimento, numa relação dinâmica sem qualquer traço paternalista.

Segundo Olavo Avalone Filho, desde as primeiras experiências, Paulo Freire tinha em mente as implicações políticas de sua tarefa educativa e que essas implicações interessavam ao povo e não às elites.

Essas primeiras experiências, que resultariam na estruturação de seu método, já vinham desde 1955. Segundo Paulo Freire, seu trabalho começou em paróquias (trabalho de ação católica), depois, em escolas com adultos. As primeiras análises foram no Recife, onde ele constatou que podia discutir com operários e às vezes camponeses "uma temática que vinha deles", escolhendo, nessa temática, as palavras a utilizar na alfabetização. O passo seguinte foi recorrer a auxílios visuais, projetando slides como codificações. Observou que os alfabetizandos começavam a sistematizar e a organizar o pensamento em torno da análise da realidade.

Freire revela que, a princípio, desejava verificar a possibilidade de um analfabeto "introjetar" uma palavra associada a uma imagem da figura representada, para, numa etapa posterior, tentar extrojetá-la. Após algumas observações e um teste com sua cozinheira, ele constatou que, fundamentalmente, importava a compreensão crítica da palavra.

"A questão não era somente técnico-metodológica - diz Freire - a questão de fundo é a capacidade de conhecer, associada à curiosidade em torno do objeto."

Paulo Freire usou, a princípio, palavras geradoras escolhidas a seu critério, convencendo-se, logo depois, da necessidade

de de pesquisá-las junto à comunidade em que vive o alfabetizando.

Após uma experiência com funcionários da Prefeitura do Recife e outras duas com operários vinculados do SESI daquela cidade, Freire se convenceu da importância, na etapa de alfabetização, de estimular ao máximo a expressividade oral do alfabetizando, evitando inibi-lo com uma linguagem que não fosse a sua. "Não se pode - diz ele - ter pensamento e linguagem sem realidade concreta".

O método, sistematizado em 1962, representa, do ponto de vista técnico, "uma combinação original das conquistas da teoria da comunicação, da didática contemporânea e da psicologia moderna".<sup>1</sup>

O pensamento de Paulo Freire parte de uma concepção cristã de mundo, tendo sido inicialmente influenciado por pensadores cristãos franceses e pelo pensamento hebraico. No decurso das diferentes fases por que passou, "recebe o melhor da tradição filosófica contemporânea, nutre-se do método dialético de conhecimento, reivindicando o valor da abstração historicamente determinada, inspira-se nas ideologias mais fundamentais e mais provocadoras dos movimentos histórico-sociais e políticos atuais".<sup>2</sup>

A filosofia subjacente de seu pensamento conflui basicamente do pensamento existencial - "a inconclusão do Homem" - da fenomenologia - "o homem constrói sua consciência enquanto intencionalidade" - do pensamento marxista - "o homem vive no dramatismo do condicionamento econômico da infra-estrutura, e do condicionamento ideológico da superestrutura" - e, preponderantemente, da dialética hegeliana - "o homem como autoconsciência, parte da experiência comum para elevar-se à ciência" - "o pedagógico, o antropológico e o político são o núcleo conceitual que serve do ponto de partida para a reflexão de Freire".<sup>3</sup>

Para ele, a educação é mediação entre o homem e o mundo. Ela deve ajudá-lo a refletir sobre sua "antológica vocação de sujeito".

Mas essa educação, "não só não deve ser neutra, asséptica, apolítica"<sup>4</sup> como deve assumir todos os condicionamentos humanos, suas alienações e suas potencialidades.

A conscientização é "a síntese conceitual da ação-reflexão"<sup>5</sup> humana. Síntese antropológica, pedagógica e política.

#### O Método

Trabalhando, inicialmente no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, no início dos anos 60, Paulo Freire começou a utilizar duas instituições que serão básicas em seu método: os Círculos de Cultura e os Centros de Cultura, nos quais eram organizados grupos de debates em torno de situações problemáticas, com a ajuda de recursos visuais.

No sentido de organizar o pensamento do homem analfabeto e levá-lo a reformular suas atitudes básicas diante da realidade e captá-la criticamente, a saída desde o início foi o método dialogal. O diálogo se afigurou como o único caminho possível, pois nele há, verdadeiramente, comunicação. Quanto ao conteúdo desse diálogo, o conceito antropológico de cultura, a distinção entre mundo da natureza e mundo da cultura e a ênfase sobre o papel ativo do homem sobre a realidade criando cultura; este seria o conteúdo adequado para que o analfabeto se visse como sujeito e não mero objeto das transformações em seu mundo.

As cartilhas foram feitas como "uma doação que reduz o analfabeto mais à condição de objeto que à de 'sujeito' de sua alfabetização"<sup>6</sup>; a opção foi a utilização de palavras geradoras, a partir de um levantamento do universo vocabular dos grupos de "alfabetizandos".

O próprio Paulo Freire, em "Educação como Prática da Liberdade", assim descreve as fases do método.

- 1º - "Levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalhava" (Este levantamento é feito a partir de contatos informais com os moradores da área).

2º - "A segunda fase é constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado" (Esta se<sub>l</sub>ção se baseia nos seguintes critérios:

- a) da riqueza fonêmica;
- b) das dificuldades fonéticas - numa sequência gradativa das dificuldades;
- c) do "teor pragmático da palavra" no sentido de sua in<sub>ser</sub>ção na realidade social, cultural, política, etc.)

3º - Esta fase "consiste na criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar.

Estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações - problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador".

4º - "... consiste na elaboração de fichas-roteiro que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho".

5º - "... feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores".

As técnicas básicas utilizadas nessas fases são:

A redução - a elaboração dos temas que serão desenvolvidos com o grupo de alfabetizandos em que foram descobertos.

A codificação - "é a simbolização gráfica de cada uma das situações existenciais estratégicas reduzidas a unidades de aprendizagem." <sup>7</sup>Esta pode ser simples (canal visual, sensível ou auditivo) ou composta (simultaneidade de canais).

A Descodificação - É a discursão da codificação. "Deve ocorrer, muito especialmente, no círculo de cultura, como expressão e fruto da tarefa dialógica entre coordenador e alfabetizandos <sup>8</sup>". Descodificando a codificação que representa aspectos da realidade, estamos "lendo" a realidade.

Indicações Práticas:

Sobre os Círculos de Cultura:

Que sejam oportunidade não só para o povo discutir os seus problemas como para se organizarem e planificarem ações concretas de interesse coletivo. É necessário um envolvimento e



mobilização da população na Criação dos círculos de cultura, que ela se sinta responsável pelo seu projeto. Não devemos assumir a posição paternalista e elitista de "ir aos grupos populares para educá-los" e "salvá-los" da sua ignorância"<sup>9</sup>.

Sobre o material utilizado - (cadernos de cultura popular, textos, cadernos de exercícios, etc):

Jamais poderia ser um instrumento neutro. Que seja comprometido com a causa da libertação do homem e com a criação de uma nova sociedade em que não haja a exploração de uns por outros"<sup>10</sup>.

Que seja um constante chamamento a uma forma crítica de pensar.

Os textos devem ser tomados como um desafio, como algo que deve ser compreendido, interpretado.

"É indispensável que o animador estimule ao máximo a interpretação do texto e a expressão oral desta interpretação antes que os alfabetizandos tentem escrever sobre ele"<sup>11</sup>.

O fundamental é que os alfabetizandos tenham sua curiosidade aguçada pelo exercício das discursões em torno de variados temas<sup>12</sup>.

Sobre o coordenador ou animador:

"Este não deve anular-se, só ouvindo o que o grupo diz nem fazer a descodificação para o grupo. Este é um diálogo entre animador e alfabetizandos e entre estes últimos. Se ele não deve ser aquele que sempre diz a última palavra, também não deve anular-se ou omitir-se. "Não lhe cabe manipular os educandos, nem tampouco deixá-los entregues a si mesmos. Nem dirigismo, nem espontaneísmo"<sup>13</sup>.

#### 4.2 - Histórico

Através da Portaria Ministerial nº 182, de 26.06.63 (anexo 2/2) o Ministro de Educação e Cultura institui, junto ao seu gabinete, a Comissão de Cultura Popular, com o objetivo de implantar em Brasília o Sistema de Educação do Prof. Paulo Freire, sendo presidida por este. Cabe ressaltar aqui, devido a

certos equívocos cometidos em relação ao fato, que esta Comissão não é a Regional de Cultura Popular, mas a Comissão Nacional, conforme estabelece a Portaria Ministerial nº 195, de 08 de julho de 1963 (anexo 2/3). Esta Portaria estabelece que a Comissão de Cultura Popular, criada junto ao gabinete do Ministro, tem o "objetivo de implantar, em âmbito nacional novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas não atingidos pelos benefícios da educação" (art. 1º, Portaria 195).

Heinz<sup>14</sup> afirma que "a tarefa desta Comissão consistia em elaborar o Plano Nacional de Alfabetização baseado no Método Paulo Freire. Este deveria acontecer num trabalho conjunto com sindicatos, organizações estudantis, grupos que, no âmbito de movimentos populares, haviam mobilizado e desenvolvido projetos de alfabetização".

Integravam essa Comissão os senhores Paulo Freire (presidente) Herbert José de Souza, Lauro Bueno de Azevedo e Júlio Furquim Sambaquy, designados pela Portaria Ministerial nº 203, de 9 de julho de 1963 (anexo 214).

Em Brasília a Comissão Regional de Cultura Popular é criada pela Portaria Ministerial nº 235, de 29.07.63 (anexo 2/5) integrada pelos senhores Jomard Muniz de Brito (presidente) Aparicio de Cerqueira Branco, (substituto do Presidente) Renato Vaz Sampaio e André Luiz Rangel Reis (secretário Executivo).

Com relação à constituição dessas Comissões Heinz diz que, elas deveriam contar, paritariamente, com representantes dos sindicatos, das organizações estudantis, dos movimentos de cultura popular e com funcionários do MEC".

Apesar desta afirmação, em Brasília a Comissão era integrada basicamente por funcionários do governo federal.

A experiência durou pouco tempo - mais ou menos 3 a 4 meses. O Ministro da Educação e Cultura, Gama e Silva, extinguiu a Comissão de Cultura Popular e o Governo Federal revoga o Decreto nº 51.740/63, que instituiu o Programa Nacional de Alfabetização, conforme notícia do Correio Braziliense de 08.04.64.

Instalado o governo que assume o poder com o movimento militar de 1964, a experiência que vinha sendo desenvolvida pelas Comissões de Cultura Popular é violentamente interrompida: toda a legislação sobre o assunto é revogada (anexo 2, *Pol. n.º 227, 14-9-64*); é criada uma Comissão de Inquerito (anexo 1, nº 11, 12) e que apreende todo o material existente, arrolando-o como subversivo, conforme notícias de imprensa de época.

4.3 - Recrutamento dos alfabetizandos

O trabalho inicial diz respeito à localização e ao recrutamento de analfabetos residentes na comunidade escolhida. Não existe dados que informem sobre a quantidade de analfabetos em Brasília na época de aplicação do método. Através de depoimentos, constatou-se que este número era reduzido e que os círculos de Cultura eram formados por um pequeno número de participantes - cerca de 20 pessoas por Círculo, com idade variando entre 18 e 60 anos - caracterizados como pessoas de baixa renda. O recrutamento de alfabetizandos, também segundo informações de pessoas que participaram da experiência, era feita após a formação dos Círculos de Cultura. Uma das formas de recrutamento utilizava serviços de alto-falante instalados em viaturas que, percorrendo a comunidade, transmitiam o seguinte slogan: "Povo analfabeto é povo escravo. Matricule-se no Círculo de Cultura mais próximo. Aprenda a ler e a escrever". (anexo 1 nº 8).

4.4 - Pesquisa do Universo Vocabular e Escolha de Palavras Geradoras.

A primeira fase do método-Levantamento do Universo Vocabular do grupo - constou de pesquisa realizada na comunidade, com a seleção de palavras feita a partir de contatos informais (entrevistas, questionários) sobretudo com a população analfabeta da comunidade (anexo , notícias de jornais de julho/63). As questões diziam respeito ao trabalho, vida familiar, recreação, crenças, política, etc. Em um dos depoimentos realizados ficou evidenciada a importância que se dava ao Presidente da República. Havia, por exemplo, pergunta como; "O que você acha do Presi

mente<sup>o universo vocabular</sup>. Segundo C. B. <sup>de</sup> de 04.7.63 foram levantados 150 questionários. Heinz afirma que em "Brasília" o universo vocabular foi pesquisado no Gama, Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Sobradinho e Limpeza Pública". Contudo consta de depoimentos que, no Plano Piloto, foram entrevistadas pessoas que trabalhavam ou demandavam ao Hospital Distrital. "A partir das sentenças e palavras que eram testadas poder-se-ia chegar à estrutura da consciência das populações que viviam nas regiões do Distrito Federal. Segundo alguns, a alfabetização era desejada por motivos familiares, para que os pais soubessem ensinar algo aos filhos e de mais familiares. Para outros o motivo era de natureza social e econômica.

No conjunto de 103 sentenças <sup>Verbalizados</sup> somente 4 vezes houve referência crítica às condições de trabalho e habitação. Eram mais frequentes as observações sobre falhas políticas do governo nos problemas da administração, ao custo de vida, ao baixo nível salarial, à política de venda ou entrega do País aos estrangeiros e de Reforma Agrária ainda não posta em prática. Quanto ao Presidente da República, era considerado um defensor do povo, porém <sup>de</sup> suas boas intenções, como por exemplo, aumento do Salário Mínimo, Reforma Agrária, <sup>to</sup> que eram freiadas pelas manobras dos seus assessores ou dos Deputados e Senadores.

Sentenças que tratavam do Parlamento, Tribunais, das instituições democráticas, <sup>das</sup> como eleições e Constituições nem eram mencionadas nos questionários.

Depois do Presidente é sobre a Nação Brasileira que se fala. Esta aparece onze (11) vezes. Ficava fora do alcance da percepção dos entrevistados a aspiração por uma organização mais solidária do país.

Um dos informantes afirma que <sup>da pesquisa</sup> do universo vocabular em Brasília foi tendenciosa e para isto exemplifica com a palavra "voto" que, segundo ele, não tinha nenhuma razão de ser, pois em Brasília não havia eleições (Anexo I nº 10, 13). Contudo, sabe-se que esta afirmação sobre o universo vocabular é muito dis

cutível e depende do ponto de vista de quem faz a afirmação. Em outras depoimentos, as pessoas demonstram a superficialidade na colocação do problema.

Com relação à 2a. fase - seleção do Universo dos Vocábulo geradores - levou-se em conta, conforme as informações, dois critérios: - número de vezes em que a palavra aparecia.  
- riqueza fonêmica do vocábulo.

A palavra Sobradinho, por exemplo, apareceu poucas vezes, mas foi escolhida para introduzir o fonema /nh/ e por iniciar por S e permitir uma discussão sobre cidade satélite. Isso mostra que o terceiro critério - "teor pragmático da palavra" - também foi considerado.

Um coordenador de círculo de cultura entrevistado informa que não houve participação dos coordenadores na escolha das palavras, visto que a seleção fora feita bem antes do início do trabalho (anexo I, nº 11).

4.5 - Concluídas estas duas fases do método, a Comissão Regional de Cultura Popular de Brasília se preocupou em iniciar o recrutamento de pessoal para coordenar os círculos. Nos dias 7, 8 e 9 do mês de outubro de 1963, foram abertas inscrições para os candidatos ao Curso de Formação de Coordenadores. Os requisitos exigidos eram: ter concluído qualquer curso médio do 2º grau, ser normalista cursando o 3º ano, ou ainda professores primários, ou secundário devidamente registrado. (ver anexo 13, mês julho).

Após as inscrições, os candidatos se submeteram a uma seleção através de prova escrita de conhecimento. Os que foram aprovados tiveram um treinamento na Universidade de Brasília. (anexo I, nºs 11, 14).

Segundo o depoimento de um coordenador de círculo de cultura, o treinamento, realizado no MEC, constou de orientações e demonstração do método por técnicos vindos de Recife, trazidos por Paulo Freire.

Um outro depoimento de candidato a coordenador informa que, tendo sido aprovado na seleção escrita e bem classificada, iniciou o treinamento visando à supervisão em um Estado da Federação. No entanto durante o treinamento houve tentativa de expulsão natural dos candidatos que não tinham os mesmos ideais políticos dos dirigentes da Campanha e, que, não os tendo, foi dispensada. (anexo I, nº 8).

Na experiência de Brasília um fato curioso quanto aos coordenadores é que "visto que os centros de instrução secundária e superior ainda se achavam em construção nesta época, não foi possível recrutar os coordenadores de que se necessitava com este nível de escolaridade. O grupo que executava o projeto julgou necessário e possível recrutar para função de coordenador pessoas residentes nas cidades satélites apenas saídas da alfabetização. O recrutamento desses colaboradores foi uma necessidade absoluta. Brasília poderia também neste sentido ~~ser vista~~ <sup>ser vista</sup> do ser vista como uma experiência-piloto. Juntamente com a Campanha Publicitária para a participação nos cursos de alfabetização, convidava-se nas cidades satélites os concluintes ativos, "mais vivos" da escola primária para que se alistassem para os postos de coordenação. Os alto-falantes que giravam pelas ruas faziam a propaganda de ambas as possibilidades: da participação no curso, em junho de 1963, tanto como alfabetizando ou como coordenador.

Cinquenta concorrentes a coordenadores alistaram-se para os postos de coordenação e participaram em seguida de um curso de 20 horas."

Em outros depoimentos, soube-se que o treinamento dos coordenadores também era feito dentro da metodologia de Paulo Freire, com base no diálogo e ainda que houve, para os coordenadores, uma "pequena remuneração".

#### 4.6 - Discussão do Conceito de Cultura

A alfabetização propriamente dita inicia-se aos cin

culos de cultura. Estes funcionam em Brasília em salões de igreja, escolas, lojas cedidas, barracões. O mobiliário era simples e rústico - mesa, banco, quadro-negro, e deficiente iluminação. À noite, alguns desses círculos funcionavam com luz de lampião.

O trabalho nos círculos de cultura se inicia com a criação de situações existenciais típicas do grupo que ia se alfabetizar. As situações eram criadas a partir de codificações das vivências típicas do grupo, representadas por material audiovisual (dia de filme, cartazes, quadro de giz, etc.)

A primeira situação motivadora do diálogo, era a apresentação de um slide sobre "o homem diante da natureza e da cultura". Essa situação se constituía num desafio para o grupo no sentido de se descobrirem como sujeito da transformação da realidade.

Diversos objetos: duas casas, uma bananeira, pássaros, um avião, dois patos, uma bicicleta e um poste de iluminação. A partir da projeção do quadro, o coordenador faz algumas perguntas como, por exemplo "Que é obra do homem?" "Que é obra da natureza?" A partir das perguntas, o grupo começa a discussão.

Esse debate levaria o alfabetizando à compreensão de que a cultura, em seu conceito antropológico, é tudo o que o homem faz, "levando os grupos a se conscientizarem para que, concomitantemente, se alfabetizem"<sup>15</sup>. "O homem dotado de consciência que reflete a realidade exterior, põe-se diante da natureza e a conhece. Posto diante da natureza, o homem realizava relação entre realidade interior (esfera lógico-psicológica) e a realidade exterior (esfera cosmológica). É a relação sujeito-objeto, ponto de partida para toda e qualquer concepção de mundo"<sup>16</sup>

Heinz afirma que "Jomafé Brito, com relação ao conceito antropológico da cultura, achou importante em Brasília a projeção do quadro 1 e 5 ("Homem diante da natureza e da cultura" e "duas mulheres trabalhando com barro em uma cabana coberta de folha") foi que não existia entre os candangos uma acentuada conscientização e lembrança de sua própria força criativa (Heinz 19+8: )

Uma coordenadora do círculo de cultura do Gama, referindo-se às discussões assim se expressa: "o que mais me impressionava na experiência, era sentir que realmente o grupo, naquele curto período, mudava."

Após a pesquisa do universo vocabular, a equipe encarregada de desenvolver a experiência de Brasília, escolheu 15 palavras geradoras, a saber: tijolo, voto, farinha, máquina, chão, barraco, açougue, negócio, Sobradinho (cidade satélite) passagem, pobreza, planalto, eixo, Brasília.

Para cada uma das palavras, foram preparadas instruções detalhadas para as discussões e material de apoio aos coordenadores, que eram as fichas-roteiro.

Inicialmente é apresentada uma gravura, uma cena viva, contendo no alto a palavra a ser estudada. A gravura é explorada para gerar discussões e debates. As palavras geradoras que não estavam inseridas em gravura são negócio e passagem.

A título de exemplificação, vemos descrever o material da primeira palavra geradora - tijolo.

A gravura correspondente à palavra era representativa de uma construção; dois operários trabalhando em um alicerce de uma casa, ou edifício. No primeiro plano uma mão segurando um tijolo e no alto da gravura a palavra tijolo.

Projetada a gravura, deveria iniciar-se a discussão e, segundo informação de um coordenador, "neste momento os participantes falavam, comentavam os tipos de moradia que conheciam, alguns que trabalhavam em construção falavam de sua experiência como pedreiro, como pintor, da importância de quem idealizou o edifício, mas sentiam a importância do operário que construía a casa e, ao mesmo tempo, visualizava a palavra tijolo que na próxima ficha iria aparecer isolada". (anexo 1, nº 11)

Heing diz que os debates iniciais eram sobre os setores da atividade econômica, produção, vinculação, distribuição e consumo. Após isso, tratava-se dos fatores sociais como salário, forma de organização sindical, situação escolar, tratamento médico, prevenção de acidentes, desemprego. Contudo, estas questões tratadas eram relacionadas mais com a região Nordeste do que propriamente com as situações em Brasília ou no Centro-Oeste.

Ao término das discussões, o coordenador projetava o slide com a palavra tijolo que aparecia sozinha e segundo Lauro "o coordenador faz os alunos compararem esta palavra apresentada isoladamente, com a que foi apresentada na gravura" (Lauro, 1979 : 193).

A seguir a palavra tijolo é separada em sílabas ti-jo-lo e o alfabetizando é levado a sentir que a palavra é formada por elementos fonéticos. Com esta ficha, o coordenador faz uma série de exer



cícios fonêmicos para que o alfabetizando se familiarize bastante com a "separação de sílabas".

Posteriormente, aparece uma ficha com o desdobramento da primeira sílaba da palavra: TA - TE - TI - TO - TU. Aqui já começa o estudo das famílias fonêmicas e o alfabetizando sente que as sílabas começam sempre com a mesma letra - (T) e que vinham acompanhados por letras diferentes. Neste momento, começa a ter o primeiro contato com as vogais - a , e , i , o , u .

Após a projeção deste quadro, os seguintes são o estudo das famílias fonêmicas:

JA JE JI JO JU (quadro

LA LE LI LO LU (quadro

No estudo dessas famílias, repetê-se tudo que foi sendo feito com exercício do ta , te , ti , to , tu .

Após o estudo de cada família em separado, vinha a ficha com as três famílias juntas.

TA TE TI TO TU

JA JE JI JO JU

LA LE LI LO LU

Neste ponto, é feita a leitura horizontal e os alfabetizandos começaram a sentir que as famílias iniciam com letras diferentes. Esta e a ficha de Descoberta, isto é, descubrem que juntando as sílabas das diversas famílias começam a formar palavras.

Laura diz que "vimos serem feitas na ocasião, palavras como tijela, tatu, lelê, juta, jati, etc, etc... Quando o alfabetizando consegue formar inúmeras palavras com esta ficha já está tecnicamente alfabetizado (Lauro, 1979 : 194).

Freire também diz que "um analfabeto em Brasília, para emoção de todos os presentes, inclusive do Ministro da Educação Paulo de Tarso, cujo interesse pela educação do povo o levava à noite, no término do seu expediente, a assistir aos debates dos círculos de cultura, que formou a frase: "tu ja le", que seria em bom português: "Tu já lê" (Freire, 1967 : 118). (ver foto no anexo 12).

Os alfabetizandos, tendo contato com as diversas famílias fonêmicas, informa um coordenador do círculo que "tem como dever de casa formar tantas palavras quantas fosse possível e que estas eram mimeografadas".

Depois do estudo das famílias fonêmicas, era apresentado o quadro com as vogais - A E I O U, com a finalidade de o alfabetizando ter completo conhecimento das mesmas.

Depoimento de várias pessoas afirma que o método "alfabetizava mesmo".

5 - CONCLUSÕES

5- CONCLUSÕES

O estabelecimento de conclusões tem caráter meramente a proximativo, considerando o volume do material obtido, e tempo disponível, a diversidade de opiniões e a necessidade de voltar a algumas fontes de documentação para complementar dados. Fica claro também que o grupo não se deterá, pelo menos nesta fase, em tirar considerações sobre o conteúdo de fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de educação.

Para melhor compreensão, as conclusões podem ser agrupadas em três níveis:

5.1 - Em relação ao trabalho do grupo

Foram grandes as dificuldades em localizar documentos sobre a experiência realizada em Brasília - no dia 19 de Abril de 1964 a experiência foi interdita, <sup>com</sup>conseqüente apreensão e destruição do material existente. Muito pouco foi localizado nos Orgãos Oficiais - MEC, SEC-GDF, Câmara, Senado, etc. Os jornais de 1962/64 foram a fonte inicial de referências para o trabalho do grupo. Outra dificuldade foi a identificação, localização e obtenção de depoimentos de pessoas que participaram da experiência. Alguns não lembravam, outros não quiseram falar, pelo que passaram, por suas antigas ou por suas atuais posições. Nos documentos obtidos ficou explícito que os que acreditavam no método não mudaram suas convicções.

Não foi possível contactar e ouvir alguém que tenha participado da experiência como alfabetizando - e isso era julgado pelo grupo de fundamental importância. O depoimento nº 44 faz-nos supor o "clima" existente em relação a alfabetização de adultos, mas não permite conclusões.

Embora a falta de um roteiro básico para entrevista inicialmente cogitado pelo grupo - tenha contribuído para que questões básicas deixassem de ser levantadas <sup>em</sup>com vários depoimentos, a entrevista <sup>depois</sup> livre tornou mais rico o material <sup>incluindo</sup>incluído no anexo.

O grupo considera que o principal, no trabalho executado, é o levantamento e ordenação de dados, documentos e depoimentos coletados. Esse material pode constituir-se em fonte substancial para análises posteriores do que ocorreu em 1963, em Brasília.

5.2 Em relação à experiência de Brasília

Parece implícita certa "identidade", nas proposições iniciais dos planejadores de Brasília e daqueles que participaram da experiência - crença no homem, expectativas de mudança para um sistema social mais justo, espaços abertos, compartilhados, sem diferença de classe. A situação de crise existente em 1963, a interrupção do processo sócio-político em andamento, a partir de abril de 1964, interrompendo também a experiência de alfabetização pelo método Paulo Freire, nos impossibilita concluir sobre os "liames" dessa identidade.

Parece-nos também que, à época, a experiência não teve a repercussão suposta - exceto para os jornais que, por oposição ao governo da época, distorciam fatos e dados. Talvez sejam causas disso a desvinculação da experiência do sistema formal de ensino do DF; o "clima da desestruturação" existente na cidade no ano de 1963, a oscilada população, que dificulta, por exemplo, saber qual índice de analfabetismo existente.

Ainda que prevista, não encontramos dados sobre a avaliação da experiência, que deveria ocorrer antes da institucionalização do método a nível nacional, decretada em 21 de janeiro de 1964. Talvez o que tenha determinado isto tenha sido a necessidade do governo aumentar suas bases populares de sustentação política. Talvez por ter sido o próprio Paulo Freire encarregado de orientar a experiência de Brasília, para ter havido coerência entre a teoria e a aplicação prática do método.

5.3 Em relação ao conteúdo político

A duração da experiência de julho de 1963 a março de 1964, dificulta maiores considerações sobre implicações políticas decorrentes de aplicação do método. Entretanto, a interrupção da experiência em 19/4/64, parece demonstrar que o apoio a grupos e ou movimentos de mobilização e educação de adultos, do ponto de vista institucional, só é mantido enquanto a orientação desses grupos e movimentos se compatibilizam com orientação ou interesses do Poder.

Interessava ao Governo João Goulart buscar apoio de bases populares e conseguir, alfabetizando, mais eleitores. Isso interessava ao Movimento Revolucionário que substituiu seu governo, e por isso, a experiência foi interrompida.

Parece claro também, nas ocorrências de 1964, a força dos mecanismos de resistência e os objetivos subjacentes ao sistema onde predominam a dominação, alienação.

O discurso institucional da época era muito contraditório - falava de reformas de bases, mas carecia de objetivação disso em planos e projetos específicos. Não havia coesão em torno de um projeto comum, e as reformas sociais estavam muito divididas. E a educação popular, a proposta maior do sistema Paulo Freire - é canal de atuação política quando vinculada a outros movimentos.

1. Paiva, Vanilda Pereira - Educação Popular e educação de adultos - SP - Edições Loyola, 1973.
2. Torres, Carlos Alberto - A praxis educativa de Paulo Freire - S. Paulo - Edições Loyola, 1979.
3. Torres, Carlos Alberto - idem
4. Torres, Carlos Alberto - ibidem
5. Torres, Carlos Alberto - ibidem
6. Freire, Paulo - Educação como prática de liberdade, 10.ª edição Rio de Janeiro, Paz e Terra 1980.
7. Torres, Carlos Alberto - op. citado.
8. Torres, Carlos Alberto - idem
9. Torres, Carlos Alberto - ibidem
10. Freire, Paulo - "Quatro cartas aos animadores dos círculos de cultura de S. Tomé e Príncipe, "A questão política da Educação Popular" São Paulo, Ed. Brasiliense.
11. Freire, Paulo - idem.
12. Freire, Paulo - ibidem.
13. Freire, Paulo - ibidem.
14. Heinz, Professor de UFRN - elaborou tese de doutorado em Frankfurt, maio de 1978, sobre a "Teoria e Prática de Paulo Freire no Brasil".
15. Freire, Paulo - Educação como prática de liberdade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
16. Maciel, Jarbas - "Fundamentação Teórica do Sistema Paulo Freire de Educação" - Estudos Universitários nº 4 - Recife - 1966 - pág. 28

Anexo 7

Aula inaugural do curso de extensão

6. BIBLIOGRAFIA



B I B L I O G R A F I A

Brasil, Senado Federal, Comissão do Distrito Federal - I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília, Estudos e Debates - Brasília - 1974

Brasil, Ministério das Relações Exteriores - Departamento de Administração, Brasil: situação, recursos, possibilidades - Rio de Janeiro - IBGE

Brasil, Universidade de Brasília - Plano Orientador da Universidade de Brasília. Brasília - Editora Universidade de Brasília - 1962

Brasília, Convênio SEPLAN/GDF, Plano Estrutural de Organização Territorial do DF. - Brasília - 1978

Brasília, Correio Brasiliense, Coleção de jornais de Janeiro de 1962 à Abril de 1964.

Brasília, DC, seção Brasília, coleção de Junho e Agosto de 1963.

Brasília, Correio Brasiliense, Conclusões do seminário "Brasília, 20 anos - numero especial, Abril de 1980.

*C. Roberto Brandão*  
Bezerra, Aida e outros, A questão política da Educação popular, São Paulo, Editora Brasiliense - 1980

Callado, Antonio - Tempo de Arraes - Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra - 1979

Freire, Paulo "Educação como pratica de liberdade", Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra - 1980

Freire, Paulo - "Quatro Cartas aos Animadores de Circulo de Cultura de São Tomé e Príncipe" in "A questão Política da Educação Popular", São Paulo, Editora Brasiliense - 1980

Filho, Olavo Avalone - "Metodo Paulo Freire: um método de conhecimento" - in FSP - 19.NOV.1978 - Nº 1 pg.53

HEINZ, Peter Gerhardt "Zur Theorie und Praxis Paulo Freire in Brasilien", Frankfurt, Main 1978

JANNUZZI, Gilberta Martino - "Confronto Pedagógico: Paulo Freire e MORAL" São Paulo: Cortez e Moraes - 1979

Lima, Lauro de Oliveira - "Tecnologia, Educação e Democracia" (Rio de Janeiro - 1965)

Manfredi, Silvia Maria - "Politica: Educação Popular" - São Paulo, Editora Símbolo - 1978

Paiva, Vanilda Pereira - "Educação Popular e Educação de Adultos" - São Paulo, Editora Loyola - 1973

Ribeiro, Darcy - UnB: "Inveção e Descaminho". Rio de Janeiro - Avenir Editora - 1978

Ribeiro, Darcy - "A Universidade necessária". Rio de Janeiro - Editora Paz e Terra - 1969

Silva, Ernesto - "História de Brasília" - Brasília, Editora e Coordenadora - 1977

Santos, Paulo de Tarso - "Pedagogia do Oprimido e Educação do Colonizador" in "Educação e Sociedade", São Paulo, Cortez e Moraes, Nº 3, Maio 1979

Torres, Carlos Alberto, "A Praxis Educativa de Paulo Freire", São Paulo, Editora Loyola - 1979

ANEXOS

48

ANEXOS

Anexo 1- Depoimentos

Anexo 2- Decretos e Portarias

Anexo 3- relatório "A educação primária no Distrito Federal"

Anexo 4- documentos sobre a Fundação Cultural

Anexo 5- O Plano orientador da UnB

Anexo 6 -Centro de Extensão Cultural da UnB

Anexo 7 -discursos sobre o Centro de Extensão Cultural da UnB

Anexo 8- relação de Secretários de Educação e Cultura do GDF

Anexo 9- carta de Pompeu de Souza ao líder da maioria na Câmara.

Anexo 10- Anais da Câmara dos Deputados

Anexo 11- Prestação de contas da Campanha de alfabetização, em 1963

Anexo 12- documentação fotográfica

Anexo 13 -noticiário de jornais 1963/64

Anexo 14- cópias de recortes de jornais

## ANEXO 1 -DEPOIMENTOS

Nº 1-~~Ernesto Silva -telefone~~ 248 18962- ~~Ana Maria -FEDF-DESU~~

3 -Inezil Pena Marinho -224 7811 ✓

4 -Francisco Salles-2428037 / 225 7350-r. 270 ✓

5- Pompeu de Souza -2425121 ✓

6-Rubem Azevedo Lima-211 3829 / 225 0728 ✓

7-Luiz Carlos Pontual- 244 9178 ✓

8- Mauricio Goldemberg ✓

9- Luiz Humberto-242 5731 ✓

10- Paulo Barbosa de Souza ✓

11- Mirinha-224 1640 ✓

12-André Luiz ✓

13-Aracoeli Pinheiro ✓

14-Nélida Villadino ✓

15-José Carlos Fernandes ✓

16-Armando Hildebrand ✓

17-Deabry dos Santos ✓

18- Antonio Carlos Dias Ferreira ✓

19-~~Padre Roque~~

20-Santa Soyer-242 3977 ✓

21- ~~Sophia Wainer-243 0188 / 2430525~~22- ~~Ailena Bianchetti-242 8478~~

23- Valter Mello- 225 6830 r 356 ✓

24-Lúcia Sarapu-2441815 ✓

25-Fritz Salles -222 2465 (Eelo-Horizonte) ✓

26-~~Geraldo Joffily-225-3626~~27-~~Irineu Joffily--242-2643~~

28- Castejon Branco- 224 6991/223 5098 ✓

29-Marlene Cabrera ✓

30-Amábili ✓

31- Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro)-255 0797 ✓

32- Manoel Mendes-226 8180 ✓

33-Leda Naud-211 3156 ✓

34-Edna Spindola-243 3882 ✓

35-~~Márcia Valentin- 248 1309~~

36- ~~Léa Sayão-242 1252~~

37-Suzana Cunha ✓

38Mônica Reis-244 3171 ✓

39- ~~Ézio Pires- 242 8569~~

40- Vera Brandt- 225 5458

41- ~~José Lucena- 223 8612~~

42- Peter G. Hein- UFRN

43- Maria Nello -PEDE ✓

44- Teodoro- Centro de Tradições Populares-Sobradinho e UnB

---

Contatos sem informes, por motivos diversos ("não conhecer, não lembrar,")

Armando Faceber-223 3146

Miriam Generoso-277 1053

Lourival G. de Souza- 224 6324

Otto Boulier da Silveira-CLS 103 (mat. de construção)

Nair Bicalho 273 3656

~~Alberto Feres- CEUB~~

~~Ivone Jean-242 8264~~

Romeu Padilha 224 6120 -r 1j1

Evanêro Mauro-225 1277 9

Edgard Graeff-242 0695

Terezinha Rosecruz -UnE-FE

IAB- 223 5903

José Mauricio-244 0657

ANEXO 1 - DADOS PESSOAIS

- Nº 1-Ernesto Silva -telefone| 248 1896
- 2- Ana Maria- FALDF-BLBU
- 3 -Inezil Penna Marinho -224 7611
- 4 -Francisco Salles-2428037 / 225 7350-r. 270
- 5- Pompeu de Souza -2425121
- 6-Rubem Azevedo Lima-211 3829 / 225 0728
- 7-Luiz Carlos Fontual- 244 9178
- 8- Mauricio Goldemberg
- 9- Luiz Humberto-242 5731
- 10- Paulo Barbosa de Souza
- 11- Mirinha-224 1640
- 12-André Luiz
- 13-Aracoeli Pinheiro
- 14-Nélida Villadino
- 15-José Carlos Fernandes
- 16-Armando Hildebrand
- 17-Deabry dos Santos
- 18- Antonio Carlos Dias Ferreira
- 19-Padre Roque
- 20-Santa Soyer-242 3977
- 21- Sophia Wainer-243 0188 / 2430525
- 22- Ailema Bianchetti-242 8478
- 23- Valter Mello- 225 6830 r 356
- 24-Lúcia Sarapu-2441815
- 25-Fritz Salles -222 2465 (Belo-Horizonte)
- 26-Geraldo Joffily-225 3626
- 27-Irineu Joffily - 242 2643
- 28- Castojon Branco- 224 6991/223 5096
- 29-Marlene Cabrera
- 30-Anábilli
- 31- Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro)-255 0797
- 32- Manoel Mendes-226 8180
- 33-Leda Naud-211 3156
- 34-

34-Edna Spindola-243 3882

35-Lúcia Valentim- 248 1309

36- Léa Sayão-242 1252

37-Suzana Cunha

38Mônica Reis-244 3171

39- Ézio Pires- 242 8569

40- Vera Brandt- 225 5458

41- José Lucena- 223 8612

42- Peter G. Hein- UFRN

43- Maria Mello -FEDF

44- Teodoro- Centro de Traçigões Populares-Sobradinho e UnB

---

Contatos sem informes, por motivos diversos ("não conhecer, não lembrar,

Armando Faceber-223 3146

Miriam Generoso-277 1053

Lourival G. de Souza- 224 6324

Otto Boulier da Silveira-CLS 103 (mat. de construção)

Nair Bicalho 273 3656

Alberto Peres- CEUB

Ivone Jean-242 8264

Romeu Padilha 224 6120 -r 1jl

Ivandro Mauro-225 1277

Ldgard Graeff-242 0695

Terezinha Roseacruz -UnB-FE

IAB- 223 5903

José Mauricio-244 0657



DEPOIMENTO Nº 01

Foi uma das <sup>principais</sup> pessoas a visitar o sítio onde se instalava Brasília, 1º diretor da NOVACAP e um dos responsáveis pela elaboração do Plano Educacional do DF para o Ensino Elementar e Médio. Em relação à Educação sua posição é considerar fundamental e prioritária a educação integral de todas as crianças e jovens em idade escolar, assistindo-as também do ponto de vista de nutrição, de educação sanitária, etc. Dessa forma, tal como se fez na China, em cerca de 30 anos o problema de analfabetismo deixa de existir como tal.

O adulto deve ser atendido em programas especiais de educação, que incluam ou não alfabetização - mas que o prepare para uma ocupação, informe sobre hábitos de higiene, lhe possibilite conhecer a realidade, etc. Garantido isso, o adulto procurará, por sua própria conta, a aprendizagem que lhe permite contar dinheiro, conhecer o ônibus em que viaja, "desenhar" o nome para votar, etc. A alfabetização de adultos deve estar vinculada aos sistemas sócio-político-econômico, pois a alfabetização só se mantém se é funcional, utilizada.

Seu afastamento da área de Educação no DF, decorreu de dificuldades encontradas para efetivação do plano elaborado, principalmente no que se referia a proposta de Conselhos Comunitários, que teriam participação na gerência do Sistema Educacional do GDF.

Outro motivo foi sua volta ao Rio de Janeiro, em 1960, onde passou 6 meses, a fim de passar para a reserva do Exército. Não participou das experiências realizadas em 1963 porque voltou-se, após sua volta do Rio de Janeiro, para o exercício da medicina. Considerava que o índice de analfabetos não era grande, em Brasília. (Na NOVACAP, em torno de 20%)

Considera que toda a proposta de Brasília, e não apenas as referentes à área educacional, foram deturpadas. Mas credita ao governo de Castelo Branco a decisão de consolidar Brasília como Capital da República.

DEPOIMENTO Nº 03

Estava na Assessoria do MEC na época, tomou conhecimento mas disse não ter maiores informações. Disse ter trabalhado num outro projeto de alfabetização de adultos, nos anos de 58, 59 e 60, entre operários da construção civil. Esses cursos eram dados nos próprios acampamentos de obras; os funcionários e engenheiros das firmas atuavam como professores e as classes funcionavam nos refeitórios das firmas. Chegaram a funcionar 293 classes atingindo cerca de 10.000 alfabetizando.

DEPOIMENTO Nº 02

Diretora da Divisão de Ensino Supletivo da FEDF, radicada em Brasília desde os primeiros anos. Não tem dados sobre a experiência, indicou o contato nº 43 como capaz de prestar informações.

DEPOIMENTO Nº 04

Foi Chefe do Centro Social da Fundação de Serviço Social em Sobradinho, no período de 1962 a 1965.

Informou que ao assumir a chefia do Centro Social, em 1962, baseando-se em sua experiência com Escolas Radiofônicas no Rio de Janeiro - o Sistema SIRENA, do MEC - resolveu desenvolver experiência similar em Sobradinho.

Fez, contando com o trabalho do pessoal do Centro, levantamento inicial sobre "líderanças" existentes, e conseguiu 38 monitores, que foram de casa em casa, levantando o número de analfabetos e sensibilizando para o programa a ser implantado. Segundo o depoente o número de analfabetos encontrados foi muito pequeno, e talvez por este motivo, o interesse pelo curso foi decrescendo, a experiência "desmanchou-se". O depoente afirma não ter conhecimento, "não lembra" de experiências com alfabetização pelo método Paulo Freire realizadas no Centro Social de Sobradinho.

Depoimento nº 05

Jornalista, 1º Diretor do Centro de Extensão Cultural da UnB, não acompanhou de perto a experiência realizada em Brasília, em decorrência do fato de ter que coordenar as múltiplas atividades do Centro de Extensão. Sabe que, durante todo o ano de 1963, grupos de alunos da UnB, inclusive dirigentes estudantis, realizaram várias experiências de educação de adultos, aplicando ou não o método de Paulo Freire. Havia uma grande efervescência política, e os grupos radicalizam, por vezes, suas posições ideológicas. Lembrou os acontecimentos ligados à elaboração de uma "Cartilha do povo" - Um dirigente estudantil, durante as férias de janeiro e fevereiro, utilizando-se de equipamentos da UnB, à revelia dos seus diretores, elaborou a seu modo a chamada "Cartilha do povo", para fins de alfabetização de adultos. O conteúdo da cartilha era "panfletário", inclusive com erros de português. Isso foi muito explorado pela oposição ao Governo, incluindo jornais do Rio e São Paulo. O deputado Abel Rafael fez, em discurso na Câmara, uma denuncia (ver anexos 9 & 10), em vista do que o depoente escreveu uma carta-resposta, que foi lida em plenário pelo líder Oliveira Brito.

DEPOIMENTO Nº 06

Jornalista político, radicado aqui desde o início de Brasília, dirigente estudantil em 1963. Lembrou-se da experiência. Relatou o caso da "Primeira Cartilha do Povo", fornecendo inclusive o nome do seu autor. Relatou que, após abril de 1964, foi aberto inquérito militar sobre a ocorrência. O coronel que presidiu o inquérito, após ouvir vários dirigentes estudantis, inclusive o depoente, decidiu considerar que o autor de Cartilha era "mentalmente perturbado", encerrando o inquérito. Indicou a depoente 32

DEPOIMENTO Nº 07 - Estudante universitário (na época)

Vim para Brasília em 1961, acompanhando Paulo de Tarso, que havia sido nomeado Prefeito da NOVACAP. Nesta época éramos ligados ao Partido Democrata Cristão (PDC) e pretendíamos também fazer um trabalho junto à Igreja.

O movimento de sindicalização em todo o Brasil era muito grande. Conosco veio também o Geraldo Campos, que foi presidente da Associação dos servidores da NOVACAP.

A UnB não fazia parte dos planos de Brasília. Darci Ribeiro chegou também em 1961 e era o primeiro homem do INEP. Conseguiu empolgar Paulo de Tarso com um plano de criação da Universidade Nacional de Brasília. Janio assinou o decreto e deu verba para a construção da UnB. Funcionou inicialmente no 2º andar do MEC e sua construção foi apressada (o caso da laje ainda molhada que caiu e matou 2 candangos, dando nome hoje ao Auditório Dois Candangos).

Darci passa a ser Reitor da UnB e tem como vice-reitor Frei Mateus, que criou o Instituto de Teologia cuja fundamentação era estudar Deus, seja lá que Deus fosse.

Estávamos todos envolvidos com a construção de Brasília e havia muita coragem, muito compromisso. Agente discutia e executava o que era preciso.

Quando Jango tomou posse, lotou Darci na Chefia da Casa Civil, Anísio Teixeira na UnB e Paulo de Tarso no MEC.

Tinha-se planos de uma alfabetização a nível nacional.

Como já se conhecia o método Paulo Freire, com experiência em Recife e Angicos, se convidou Paulo Freire para presidir a Comissão Nacional do Movimento de Alfabetização.

André Reis foi convidado a administrar o Sistema Paulo Freire em Brasília.

Fui da primeira turma da UnB e presidente da FEUB (Federação dos Estudantes Universitários do Brasil), como presidente fiz parte do C.G.C. (que era composto de mais cinco membros, entre os quais o Presidente do Sindicato da Construção Civil e o Presidente do Comando dos Trabalhadores Agrários).

A experiência que tive com o Método propriamente dito foi pequena. O contato com o método se deu como consequência da atividade política-partidária que desenvolvia. Não cheguei a fazer um Círculo Completo, fiz algumas palavras e me lembro de TIJOLO, VOTO, POBREZA. Eram ao todo 10 palavras.

Na verdade as palavras eram um sub-produto. O que contava realmente eram as discussões políticas. Lembro que sobre a palavra SOBRADINHO surgiu uma discussão sobre satélite, quando uma das

Vim para Brasília em 1961, acompanhando Paulo de Tarso que havia sido nomeado Prefeito da NOVACAP. Nesta época eramos ligados ao Partido Democrata Cristão (PDC) e pretendíamos também fazer um trabalho junto a Igreja.

O movimento de sindicalização em todo o Brasil era muito grande. Conosco veio também o Geraldo Campos que foi presidente da Associação dos servidores da NOVACAP.

A UnB não fazia parte dos planos de Brasília. Darci Ribeiro chegou também em 1961 e era o primeiro homem do INEP. Conseguiu empolgar Paulo de Tarso com um plano de criação da Universidade Nacional de Brasília. Janio assinou o decreto e deu verba para a construção da UnB. Funcionou inicialmente no 2º andar do MEC e sua construção foi apressada (o caso da laje ainda molhada que caiu e matou 2 candangos, dando nome hoje ao Auditorio Dois Candangos).

Darci passa a ser Reitor da UnB e tem como vice-reitor o Frei Mateus que criou o Instituto de Teologia cuja fundamentação era estudar Deus, seja lá que Deus fosse.

Estávamos todos envolvidos com a construção de Brasília e havia muita coragem, muito compromisso. Agente discutia e executava o que era preciso.

Quando Jango tomou posse, lotou Darci na Chefia da Casa Civil, Anísio Teixeira na UnB e Paulo de Tarso no MEC.

Tinha-se planos de uma alfabetização a nível nacional.

Como já se conhecia o método Paulo Freire com experiência em Recife e Angicos, se convidou Paulo Freire para presidir a Comissão Nacional do Movimento de Alfabetização.

André Reis foi o convidado a administrar o Sistema Paulo Freire em Brasília.

Fui da primeira turma da UnB e presidente da FEUB (Federação dos Estudantes Universitários do Brasil), como presidente fiz parte do C.G.C. (que era composto de mais cinco membros entre os quais o Presidente do Sindicato da Construção Civil e o Presidente do Comando dos Trabalhadores Agrários).

A experiência que tive com o Método propriamente dito foi pequena. O contato com o método se deu como consequência da atividade política partidária que desenvolvia. Não cheguei a fazer um Círculo Completo, fiz algumas palavras e me lembro de TIJOLO, VOTO, POBREZA. Eram ao todo 10 palavras.

Na verdade as palavras eram um sub-produto. O que contava realmente eram as discussões políticas. Lembro que sobre a palaSOBRADINHO surgiu uma discussão sobre satélite, quando uma das pes

soas do grupo falou: - "Nós somos satélites, ficamos em volta, não somos importante, não temos direitos iguais as pessoas do Plano Piloto". Depois da discussão ele conclui: "Quer dizer que todos somos ' gente, todos temos os mesmos direitos", foi de arrepiar. Nós, estudantes, tivemos muita penetração na comunidade. Era um trabalho político, partidário. Aos sábados e domingos fazíamos reuniões, formavamos associações. Mas tudo deu errado. O Método de Paulo Freire é um instrumento político. O Paulo Freire de nada tinha conhecimento, estas coisas ocorrerem nos bastidores.

Acho que a implantação nacional do método, embora tenha durado 3 a 4 meses, foi tão forte que juntamente com os conflitos agrários, as Ligas Camponesas, foram os responsáveis pela derrocada. Digo no entanto que embora o Método possibilite uma maior conscientização isto não faz muita diferença. O importante são os objetivos de quem aplica. O Método Paulo Freire também pode ser aplicado friamente. Sobre a Cartilha do Povo, ela foi apreendida mesmo e com toda razão. Foi um instrumento provocador da CIA. A cartilha era mal feita, cheia de erros. Embora o número de exemplares tenha sido pequeno provocou uma repercussão nacional.

Mais informações sobre isto pode ser encontrado nas CPIs da Câmara. Abel Rafael, por exemplo, foi um que se posicionou contra as Cartilhas.



DEPOIMENTO Nº 08

Participou como supervisor da Comissão Regional de Cultura Popular e Chefe do Departamento de mobilização de Cultura Popular, acumulando as 2 funções.

Lembra-se que havia perto de 21 círculos de cultura em Sobradinho. Embora tenha visitado outros círculos, participou mais intensamente das atividades em Sobradinho.

Foi feita uma experiência para que um círculo funcionasse com o dobro de pessoas, já que a procura excedera a oferta. Apesar dos receios manifestados pelo próprio PF, o resultado foi excelente.

O custo operacional dos círculos era baratíssimo. O material empregado era muito simples, resumindo-se quase que exclusivamente no uso de projetor que podia funcionar mesmo a bateria. Os projetores eram de simples manejo e foram adquiridos, a preço simbólico, da Polônia, os filmes (strip-film) eram feitos pelo INC - Instituto Nacional de Cinema.

Pouco antes do movimento militar de 1964, foram feitos contatos com Lauro de Oliveira Lima, então Diretor do Ensino Secundário do MEC, para implantação do método PF ao ensino secundário.

O pessoal da Campanha era transportado por kombi para o recrutamento dos alfabetizandos. Esse era feito por serviço de alto-falante em que se dizia:

"Povo analfabeto é povo escravo. Matricule-se no Círculo de Cultura mais próximo. Aprenda a ler e a escrever"

O método alfabetizava mesmo. Não era blã-blã-blã como é o MOBRAL que não alfabetiza (o informante foi coordenador adjunto do MOBRAL estadual em 1973).

O sistema PF tinha por objetivo conscientizar. Conscientização ligada à politização no sentido de esclarecer as pessoas nos seus direitos. Os alunos é que faziam conclusões. O coordenador jamais formulava juízo a respeito das questões que eram colocadas pelo grupo. Por isso, não havia possibilidade de haver dogmatismo, a não ser se se tratasse de um coordenador radical, mas isso ele não se lembra de ter ocorrido em Brasília. Nunca chegou a seu conhecimento notícia a esse respeito.

Por outro lado, o pessoal alfabetizando era extre

mamente dócil, chegava ao círculo com entusiasmo e o relacionamento era de muito amor. Demonstravam muito amor pelo que estavam fazendo. Por isso inexistia evasão. Ninguém abandonava o curso.

A disposição dos alunos levava à emoção. As pessoas eram envolvidas por idealismo, por amor à causa mais do que pela pessoa de PF. Apesar de ganharem muito pouco (os salários dos coordenadores e demais participantes era muito baixo), sentiam-se recompensados com o entusiasmo e a disposição com que os "alunos" compareciam às reuniões. Para os alunos, a escola era lazer, o que levava a um altíssimo grau de motivação. Era um trabalho espetacular e nunca viu nada em sua vida, que se comparasse à experiência de PF. Foi a coisa mais extraordinária da qual já participou.

Quanto a dizer que havia intenção de propagar o comunismo no Brasil, o informante nega que isso tenha existido: "PF era um carola ! não saía da Igreja, frequentando a missa com assiduidade". Não acredita que PF pudesse ter idéias materialistas e, por isso, a campanha nunca poderia ter tido objetivo de comunização. Conscientização e politização sim, pois era o que o método pretendia, mas não implantação de ideologia comunista.

Nas visitas aos Círculos nunca percebeu qualquer tendenciosidade ou agressividade. Via sim, e muito claramente, docilidade e amor.

Nunca soube de qualquer manifestação de violência. Muitas vezes os pais levavam crianças, tendo havido casos de crianças serem alfabetizadas (8, 10 ou 12 anos).

Clientela excessivamente dócil, humilde e interessada. Quem diz o contrário, certamente não entendeu o alcance da campanha.

A Campanha também colaborou na distribuição de leite para os pobres vindo dos Estados Unidos através do Ponto IV, sob a orientação do Serviço Social. Elementos da Campanha participaram como voluntários. Havia um forte conteúdo emocional envolvendo os integrantes da Campanha, que participavam de todas as campanhas sociais em benefício das populações pobres, independentemente de obrigatoriedade de trabalho. Trabalhavam à noite, em horários vagos, sábados, domingos, sempre que houvesse possibilidade. Desenvolviam também atividades de lazer, com apresentação de peças teatrais (marionetes e fantoches) e festas folclóricas.

O método é o mais válido possível, tendo o mais baixo custo operacional (bem inferior ao do MOBRAL).

Se ele fosse Ministro da Educação implantaria o sistema em todos os níveis escolares. Foi a experiência mais extraordinária que já viu, no campo da educação, de 1963 a 1980.

Nunca sofreu nenhuma represália por ter participado da experiência, nem tampouco foi chamado a prestar qualquer depoimento a respeito do assunto. Também nunca participou nem presenciou qualquer tentativa de radicalismo na Campanha.

Conheceu Expedito, mas não se lembra da "Cartilha do Povo". Expedito era muito exaltado e radical de esquerda. Só participou da experiência no início e como era muito exaltado, entrou em atrito com PF, que o afastou.

DEPOIMENTO Nº 9 -arquiteto,acompanhou a construção da cidade mas não teve maiores vinculações com operários."Ouviu falar" da experiência,em 1963,mas não tem maiores informações.Considera que os anos iniciais de 60 foram de crise para Brasília,e que se deturpou muito o projeto inicial da cidade.Houve proposta de volta da Capital para o Rio de Janeiro,inclusive em reunião no Estado Maior do Exército,após abril de 1964,se cogitou do aproveitamento de Brasília como "uma espécie de Las Vegas", ou cidade para o jogo,quando a Capital retornasse ao Rio de Janeiro.Indicou a depoente nº 24 como capaz de dar informações de interesse

DEPOIMENTO Nº 10

O Secretário de Educação do DF não queria a implantação do método PF no DF, chegando a comparecer ao Gabinete do Ministro Paulo de Tarso para manifestar sua recusa.

Como a SEC rejeitou a proposta para a aplicação do método PF, levando a decisão ao Ministro, onde se encontrou o PF. Resultado: foi designado um Coordenador para o DF.

Pelo que sabe, o método é válido, mas foi explorado ideologicamente, o que, na sua opinião, é negativo. O método tem ideologia comunista, pregando a luta de classe e revolta. A comunidade tem o direito de decidir se quer ser alfabetizada.

O método pretendia preparar um verdadeiro exército de contestadores.

O universo vocabular foi tendencioso. As palavras utilizadas saíram de cabeça de PF e não eram significativas no universo vocabular de Brasília. Exemplo: a palavra voto. Em Brasília não havia eleições. A palavra foi jogada para tumultuar.

DEPOIMENTO Nº 11-

Eram de 8 a 10 círculos de cultura, e funcionavam em locais cedidos pela própria comunidade, em salões de igrejas, escolas, lojas, etc. Funcionavam à noite, de 2ª a 6ª feira, em média com 20 a 25 participantes. A idade variava de 18 a 20 anos até pessoas com mais de 60 anos. O tempo dos primeiros círculos variou de 1 mês a 1 mês e meio. Já estávamos com novos grupos quando a experiência foi interrompida.

O que mais impressionava na experiência era sentir que naquele curto tempo o grupo conseguia ler e escrever, e ainda, o que era mais importante, através do método, chegar a um espírito crítico muito acentuado. A gente sentia que a técnica do diálogo, que era fundamental, funcionava não só na aprendizagem, mas na conscientização. Era uma coisa muito bonita sentir o que vinha do grupo e que a gente, através das fichas, conseguia uma espontaneidade, havia colocações de cada um, surgiam conclusões da discussão, era um trabalho de grupo. As pessoas não estavam ali sózinhas, aprendiam a conviver e tenho certeza que partindo para uma outra visão das coisas. Então nos encontros o coordenador, dinamizador, não chegava a dar respostas para o grupo. Ele levantava questões, naturalmente que a própria ficha, a palavra, o desenho, sugeria muita coisa e vinha a discussão muito rica, onde a gente sentia que apesar de estar lidando com um grupo de analfabetos tinham muita experiência de vida, sendo alguns muito acomodados. Outros, já com outra visão das coisas, e a troca era muito importante. Não era imposto, não era levar o recado para eles, não era chegar com fórmulas prontas e sim cada um pensar com sua própria cabeça e a utilizar a cabeça de forma mais efetiva. Senti também que havia muito envolvimento, desde a escolha das palavras, não tinha nada pré-fabricado. A escolha das palavras era feita bem antes da gente trabalhar, nós não participávamos. As palavras eram tiradas do vocabulário de cada comunidade e a partir de uma pesquisa de campo, com contatos, entrevistas. A partir do vocabulário estas palavras eram escolhidas não só por causa da carga emotiva mas também como "palavra chave" que serviria para a parte de leitura e escrita - servia para o diálogo e também as sílabas para o estudo dos diversos fonemas.

Não tive contato com mais ninguém depois de interrompida a experiência. Agora, pelos resultados que a gente via, nós diríamos perfeitamente que aquela pessoa aprendeu a ler, escrever, e passava a ler jornais. Porque também pelo próprio método toda parte de palavras que eram descobertas por eles eram mimeografadas com letra de imprensa, tinham como dever de casa trazer recortes de jornais, formar palavras em casa, lidar com letra de imprensa.

O método, mesmo que se diga que tem ou não tem conotação política, eu acredito que as pessoas se tornaram mais conscientes, naturalmente passaram a ter atitude nova diante de seu ambiente, das suas necessidades e limitações. O enfoque não era só regional, nas discussões ela tomava conhecimento das diferenças de ordem social, política, etc. A partir de suas necessidades mínimas de alimentação, moradia, sobrevivência, eles se colocavam diante das coisas, questionavam; no momento em que se sentiam "equipados" se tornavam mais ativos, mais politizado.

Tenho Paulo Freire como um ser humano incrível. Do método dele ter sido pensado de uma forma e executado de outra eu não sei dizer até que ponto isto é verdadeiro. Não houve nada subversivo nos círculos de que participei. Se o fato de conscientizar pessoas, leva-las a se descobrir, tomarem conhecimento de problemas, terem outra visão mais real diante da vida - se isto é subversão, então é subversivo.

Nunca senti tanto amor como quando trabalhava no sistema. Amor de que era animador, participante, o próprio criador do sistema. A maior preocupação dele era o ser humano. Só senti coisas positivas

Na época houve divulgação do trabalho, acho que através de jornal. Haveria uma seleção, uma prova de conhecimentos, fiz uma prova escrita. Tive orientação do método por pessoas ligadas ao MEC. Foi a 1ª experiência de alfabetização, havia uma pequena remuneração. Se o método serve ou não para sedimentar um período pós-revolucionário, como no caso da Guiné-Bissau, ou se ele só teria sentido num período de transição, pré-revolucionário - esta é uma questão que eu não consigo entender.

O dirigismo poderia acontecer, não pela equipe técnica, mas pelo animador. O material usado era exclusivamente didático.

acôrdo com a sequênciã de fonemas da lingua portuguesa. A 2ª aula de alfabetizaçãõ era o climax do método, pois era nela que o aluno descobria que a palavra é formada de fonemas.

A educaçãõ ãeva à pôlitizaçãõ. O educador deve levar a pessoa à participaçãõ. A intençãõ era tornar o alfabetizando ser humano, a pessoa era conscientizada de seu papel a cumprir como pessoa. Se isto vem balançar previlégios, então entende-se porque muitas pessoas são contra o método. Se houve mau uso do método, isso não é responsabilidade de PF. Não havia intençãõ política declazada. Sempre há pessoas que são a favor ou contra, não se pode evitar que as pessoas dê torçam as coisas.

O método se baseava na teoria do conhecimento. A partir de nome dos objetos que participavam intimamente do universo das pessoas, chegava-se aos fonemas.

Cada objeto é reconhecido por representaçãõ. Por exemplo, uma caixinha. Uma pessoa olha e associa o objeto à palavra. O analfabeto identifica a imagem do objeto e o som. O alfabetizado vai além, associa à palavra. Para a alfabetizaçãõ partia-se do objeto e tentava-se chegar ao som, isto é, aos fonemas. As pessoas participantes dos círculos de cultura tinham entusiasmo e consciênciã de si como pessoa, transformando-se em individuo participante.

A frase mais característica de PF naquela época era "o homem deixar de ser objeto para ser sujeito". A maior parte da populaçãõ brasileira é como boi, tem que se preocupar com o que vai comer hoje. Tem até a frase: "fulano é muito ocupado, não tem tempo de ganhar dinheiro".

Não houve tempo para ver os resultados. Nos círculos de cultura eram usados projetores que vieram da Polônia, porque baratíssimos - não foi doaçãõ, houve concorrência ou licitaçãõ. A lei nº 200, que hoje regulariza isso, é pós 64. O projetor podia ser usado com corrente elétrica ou bateria. Após o movimento de 64 muitos projetores desapareceram - as pessoas ligadas aos círculos, apavoradas com o clima de terror implantado no país, enterraram os projetores.

Nunca foi chamado para depoimento - exceto o interrogatório sobre o desaparecimento de projetores. Guardou todo o material sobre prestaçãõ de contas. mais tarde ocupou cargos públicos com restriçãõ

DEPOIMENTO Nº 12

Participou da Campanha como Secretário Executivo da Comissão Regional, fornecendo os meios para que o sistema funcionasse.

A Campanha usou pessoas de pouca instrução e que pertenciam ao ambiente e estavam familiarizados com o grupo que ia ser alfabetizado. Os grupos eram constituídos de gente simples e humilde.

Na aplicação de recursos, no DF, não houve abusos, tendo sido a campanha diretamente conduzida pelo MEC. Isto pode ser comprovado através da prestação de contas feita após o movimento militar de 1964 (anexo (1)). Todos os gastos efetuados têm comprovantes e foram feitos no estrito cumprimento das propostas. Se houve deturpação na aplicação de recursos em outras Unidades da Federação ela não saberia dizer e acredita ser isso de difícil constatação.

Paulo Freire recebeu muito apoio do então Ministro da Educação e trouxe uma equipe de Pernambuco para treinar o pessoal de Brasília, onde seria implantado um trabalho piloto.

Lembra-se vagamente da tentativa de implantação de uma cartilha de alfabetização ("A cartilha do povo"), mas isso não teve repercussão em Brasília.

A pesquisa vocabular era constituída de perguntas sobre o cotidiano. Lembra-se de uma pergunta em que se procurava saber o que o povo pensava do presidente da república. Um homem que trabalhava no Hospital Distrital pensou e respondeu: "minha senhora, eu tenho muita pena dele. O que eu sei é que ele deve ser o sujeito mais mal informado que existe, mal sai de casa, um burguês, dázem um monte de mentiras para ele. Ele vai trabalhar e lá outros dizem mais mentiras. Vai viajar, entra no avião, e lá dizem mais mentiras..." Um outro entrevistado disse que o presidente andava na garupa do cavalo mas não manobrava...

A esposa do informante trabalhou como voluntária para a pesquisa vocabular, tendo apreciado os questionários do HDB. O questionário foi montado pelo PF e sua equipe, com situações cotidianas. O questionário indagava como as pessoas viviam e daí se tiravam as palavras.

A equipe relacionava as palavras mais repetidas, que eram colocadas em escala. A escolha era feita com base nas repetições e de



acôrdo com a sequência de fonemas da língua portuguesa. A 3ª aula de alfabetização era o climax do método, pois era nela que o aluno descobria que a palavra é formada de fonemas.

A educação leva à politização. O educador deve levar a pessoa à participação. A intenção era tornar o alfabetizando ser humano, a pessoa era conscientizada de seu papel a cumprir como pessoa. Se isto vem balançar privilégios, então entende-se porque muitas pessoas são contra o método. Se houve mau uso do método, isso não é responsabilidade de PF. Não havia intenção política declarada. Sempre há pessoas que são a favor ou contra, não se pode evitar que as pessoas das torçam as coisas.

O método se baseava na teoria do conhecimento. A partir de nome dos objetos que participavam intimamente do universo das pessoas, chegava-se aos fonemas.

Cada objeto é reconhecido por representação. Por exemplo, uma caixinha. Uma pessoa olha e associa o objeto a palavra. O analfabeto identifica a imagem do objeto e o som. O alfabetizado vai além, associa à palavra. Para a alfabetização partia-se do objeto e tentava-se chegar ao som, isto é, aos fonemas. As pessoas participantes dos círculos de cultura tinham entusiasmo e consciência de si como pessoa, transformando-se em indivíduo participante.

A frase mais característica de PF naquela época era "o homem deixar de ser objeto para ser sujeito". A maior parte da população brasileira é como boi, tem que se preocupar com o que vai comer hoje. Tem até a frase: "fulano é muito ocupado, não tem tempo de ganhar dinheiro".

Não houve tempo para ver os resultados. Nos círculos de cultura eram usados projetores que vieram da Polônia, porque baratíssimos - não foi doação, houve concorrência ou licitação. A lei nº 200, que hoje regulariza isso, é pós 64. O projetor podia ser usado com corrente elétrica ou bateria. Após o movimento de 64 muitos projetores desapareceram - as pessoas ligadas aos círculos, apavoradas com o clima de terror implantado no país, enterraram os projetores.

Nunca foi chamado para depoimento - exceto o interrogatório sobre o desaparecimento de projetores. Guardou todo o material sobre prestação de contas, mais tarde ocupou cargos públicos sem restrição

DEPOIMENTO Nº 13

Em 1963 houve um chamado, por edital, para candidatos a coordenador de círculos de cultura. Os candidatos foram selecionados através de avaliação de capacidade.

A entrevistada foi classificada e começou a fazer o treinamento, visando à supervisão da campanha de alfabetização no Estado do Pará.

Durante o treinamento, no entanto, houve tentativa de expulsão natural dos candidatos que não tinham os mesmos ideais políticos dos dirigentes da campanha e a entrevistada, como não os tinha, foi dispensada.

Matriculou-se, então, como monitora e questionava muito e foi descobrindo que havia intenção política na campanha. Como ela era contra e manifestava abertamente seu ponto de vista, recebeu telefonemas ameaçadores, o que, aliás, também ocorreu com outros participantes, também contrários a campanha como instrumento político.

Participou de reuniões em que os animadores, vindos dos primeiros contatos com os círculos, muito entusiasmados, contavam que a campanha estava indo muito bem, pois o povo estava disposto a não se submeter mais. Num grupo, o animador relatava, satisfeitos, que após a primeira reunião, os treinandos já estavam dispostos a invadir o Plano Piloto, armados de paus e pedras, e fechar o Congresso Nacional.

Durante as reuniões, havia pessoas que, disfarçadamente, faziam anotações quando alguém gerava discussões contrárias a filosofia ideológica. A entrevistada soube, mais tarde, que esse pessoal era treinado pela facção política de linha de Pequim e que tinha como função denunciar todos aqueles que não estavam de acordo com o diretivismo político de campanha, como ela não se intimidou e continuou participando dos grupos, até chegarem a puxar faca para amedrontá-la.

Certa vez, um prefeito de uma cidade de seu Estado veio à Brasília na esperança de conseguir que o método de alfabetização PF fosse implantado no seu município. A entrevistada levou-o a um dos círculos de cultura e o prefeito saiu muito "assustado" ao constatar que se tratava de uma campanha de violência e disseminação de ódio.

Chegou a fazer uma proposta de palavras geradoras para

o seu Estado, mas como as palavras escolhidas fossem neutras, do ponto de vista político, embora usando apenas 14 palavras, foi rejeitada. Isso comprova que a seleção vocabular era dirigida.

DEPOIMENTO Nº14 - A Comissão Nacional de Cultura Popular era ligada diretamente ao Ministro da Educação e Cultura. O ministro Paulo de Tarso resolveu experimentar o método Paulo Freire em Brasília e era diferente do que foi aplicado em Angicos e Recife. Foi uma experiência piloto que durou pouco tempo. Os cursos para os coordenadores foram dados na UnB, mas não sei que vinculação havia. O método aqui foi diferente porque tinham dois tipos de coordenadores, ou eram universitários ou eram pessoas de nível de escolaridade baixo. Em Taguatinga quem atuou foi o pessoal de pouca escolaridade. O grupo de estudantes falhou muito, porque eram muito ausentes. Essas ausências eram cobertas pelo coordenador do círculo de cultura da cidade satélite.

O grupo que funcionava em Brasília era formado por Paulo F., Aurenice e Jomard. Estes últimos eram técnicos vindos do Recife, que trabalhavam no treinamento dos coordenadores de círculos. No treinamento era utilizado o método Socrático, de questionamento. Aqui em Brasília foram poucos os grupos que chegaram até o fim. No levantamento do universo vocabular se levou em conta o nº de vezes que a palavra aparecia e o atendimento das necessidades gramaticais. "Sobradinho", por ex., foi escolhida porque iniciava com S e pelo fonema inho. Tijolo possibilitava formar muitas palavras. Convivi pessoalmente com Paulo Freire. Ele era católico, apostólico, romano. De comungar todos os dias. O método dele é global passando para o analítico sintético dentro de um outro contexto - conscientização. Nada era previsto. As várias conotações dadas na aplicação do método dependia de quem o aplicava. Havia círculos de cultura que funcionavam à luz de lampião, em igrejas, galpões, escolas. O programa como um todo não chegou a se desenvolver, embora alguns círculos tenham tido continuidade após a revolução. Hoje, o Mobral é o método PF mascarado, onde a parte de conscientização não é levada em conta. O método PF é diferente,

DEPOIMENTO Nº 15

Participou da Campanha como assessor de imprensa do MEC e da Presidência da República. Acompanhou a campanha com objetivos de fornecer dados para divulgação aos órgãos da imprensa. Teve oportunidade de acompanhar PF em algumas atividades fora de Brasília, como Recife e S. Paulo. Em SP fez uma palestra para estudantes na Escola Paulista de Medicina. Na época, era tal o entusiasmo pelas idéias de PF que, não obstante o atraso - a palestra estava marcada para as 11hs. e PF só chegou após as 14 hs - o auditório permaneceu lotado.

O acompanhamento do trabalho de PF era eventual e com objetivos de permitir o acesso da imprensa às informações, para não haver distorções. Esse cuidado foi tomado porque havia, não se sabe se deliberadamente ou não, o propósito de interpretar a estratégia de alfabetização como demagógica e comunizante, por parte de setores da imprensa (salvo engano, esses setores eram "O Globo" e o "Estado de SP"), que adotaram uma linha quase que sistemática de desmoralização da Campanha. Paralelamente sentia-se, por parte de alguns governos estaduais, manobras destinadas a dificultar a Campanha. Daí poder-se estabelecer certo vínculo malicioso entre as distorções de órgãos da imprensa e manobras de sabotagem de governos estaduais com as ações políticas então em curso e que resultaram no movimento de 64.

Não chegou a participar da intimidade dos setores dirigentes, mas pelo acesso que teve às pessoas e às informações não sentiu nenhuma vinculação política. O que havia realmente era o propósito de utilizar a circunstância e os símbolos mais vivos do público-alvo (clientela alfabetizanda) para melhor motivação e melhores resultados nesta trabalho. Não dispõe de dados quantitativos, mas se lembra, e bem, de que, em algumas viagens em companhia de PF, pôde assistir a cenas realmente sensibilizantes:

- nos bairros de Recife, à noite, e muitas vezes à luz de candeeiros, PF chegava de surpresa aos círculos de cultura, instalados por vezes em residências de pessoas da comunidade, e procurava diretamente aferir o estágio de alfabetização dos adultos. Não se lembra de resultados frustrantes em nenhuma dessas aferições, o que mostra que o método estava surtindo efeito.

Quanto aos gastos, a Campanha importou certo nº de projetores da Polônia que tinham a singularidade de ser extremamente simples (a preocupação de PF era usar instrumental simples). A idéia era dotar cada círculo de cultura de um projetor. Apesar da simplicidade e do baixo custo desses projetores, após o movimento de 64 eles foram apreendidos como material subversivo.

A Campanha falava a linguagem própria dos alfabetizandos. Usava palavras simples e valores inerentes ao seu meio. Muitas pessoas por serem estranhas a esse universo, interpretavam esses símbolos como luta de classe.

Sobre a pesquisa vocabular, considera as palavras muito significativas. Tijolo, por ex., tem significado e valor especial para o homem da construção civil, e quase sempre analfabeto. A Campanha desencadeou uma polarização política muito grande, exatamente em função da peculiaridade do método de trabalho. A preocupação em utilizar palavras que refletissem o universo no qual estava mergulhado o trabalhador era interpretado como uma linha divisória a estabelecer não apenas limites, mas até mesmo a suscitar interesses antagônicos de classe.

Essa dualidade, essa polarização, reflete mais uma postura politicamente apaixonada e uma visão pedagógicamente distorcida do que uma apreciação objetiva dos trabalhos realizados no setor.

O informante foi envolvido em IPM-um pelo Gabinete Civil da Presidência da República e outro pelo Gabinete do Ministro. Como resultado, passou a integrar o index da segurança e informação, ficando prejudicado quanto à progressão funcional...

O grande valor do método estava exatamente na autenticidade dos símbolos e valores utilizados, todos eles pp do meio em que se atuava. Acredita na eficácia do método, tanto hoje como ontem, em função de sua simplicidade. Se aplicado hoje, teria que se alterar alguma coisa, em função das transformações sociais ocorridas de lá para cá. Mas crê que tanto a filosofia como a técnica de alfabetização de PF continuam plenamente válidas.

## DEPOIMENTO Nº 16

Dirigente do MEC à época de PF. Não teve participação direta no trabalho desenvolvido nos círculos de cultura, mas conhecia bem PF e teve oportunidade de participar de reuniões no MEC em que se tratou da implantação do método.

Na sua opinião, o método representou realmente uma experiência educacional válida, não porque inviasse o processo de alfabetização pp dito, mas porque mudou a forma de abordagem, introduzindo um conteúdo motivacional muito forte na aprendizagem.

Segundo seu depoimento, chegou a haver gestos, na época, para que a nova forma de abordagem fosse estendida a outros níveis e modalidades de ensino, tal eram os índices de aproveitamento que estavam sendo alcançados nas experiências com alfabetização de adultos.

Esse alargamento da proposta inicial seria, inclusive, uma forma de difundir as idéias de PF em Brasília, já que o nº de anal-fabetos aqui era reduzido demais para comportar uma ação abrangente como a que estava sendo desenvolvida pelo MEC.

---

## DEPOIMENTO Nº 17

Acompanhou, como fotógrafo, a implantação do método PF em Brasília. Acompanhou o Ministro da Educação na visita ao círculo de cultura de Sobradinho, quando estava presente PF e assessores do Ministro (ver apênd. 2).

O círculo contava com 30 a 40 participantes e todos do "mais baixo nível de pobreza". As instalações eram em barracão, mobiliário simples e rústico, péssima iluminação, chão de terra. Ao chegar a sessão já estava sendo desenvolvida, com projeção de diafilme e uma monitora. Os participantes estavam realmente satisfeitos com o aprendizado, havia vibração muito grande entre os participantes. Nas fotos pode-se ver o fato de que os pais iam para a escola levando filhos. Não houve preparação, o pp fotógrafo procurou saber se a presença das crianças era por causa da visita do ministro, pôde constatar que era o interesse grande que fazia os pais irem até levando os filhos.

O que pôde perceber é que poderia haver crescimento muito grande

dos participantes'. Estavam muito preocupados com o "depois", Tinham certa certeza que iam conseguir melhores condições de vida. Tem impressão que 90% dos participantes ficaram até o fim, tal o interesse demonstrado..

A experiência tinha um sentido claramente político, mas não sabia se era pp do método ou se era acrescentado ou orientado pela monitora. Essa intenção o chocou, porque ele condena as idéias comunistas que dominavam na época. Os círculos seriam o início de mudança de comportamento, despertando no indivíduo as idéias comunistas. Achou negativa a forma como estava sendo usado o método, pois iriam conseguir o objetivo de implantar um novo regime, se esse fosse o objetivo.

Na sua opinião, o método PF seria a melhor forma de alfabetizar adultos. Comparando com o SIRENA, o método de PF é muitíssimo melhor. Na sua opinião é tão bom e versátil que pode ser conduzido em qq direção (comunista, capitalista).

---

DEPOI. ENTO Nº188

Secretario Executivo Nacional da Campanha e chefe do Gabinete do Ministro, na época.

O mérito maior do método PF estava em que não só alfabetizava como também dava consciëntização social às pessoas, integrando-as na sua comunidade, já que a participação era fundamental. Cada alfabetizando que participava dos grupos se transformava num elemento integrado e interessado na sua comunidade.

O informante tb participou de debates, o resultado era extraordinário, havendo uma verdadeira ressurreição das pessoas. Essas, que se julgavam marginalizadas, quando nos círculos traziam contribuições preciosas, numa verdadeira manifestação da existência da cultura popular, As contribuições provavam que o analfabeto não é inculto e tem conhecimento dos problemas que o cercam.

Pode ser que tenha havido vinculação política do movimento com o PC, mas isso não era visível, sobretudo em Brasília. Havia, sim, forte preocupação com as reformas de base, o que, aliás, era a tônica

politica da época,mas sem conotação com ideologias estranhas.

O método continua válido e agora enriquecido com as experiências realizadas no Chile,onde teve oportunidade de constatar pessoalmente sua aplicação,e na Guiné-Bissau.

---

DEPOIMENTO Nº 19

Disse ter conhecido pessoalmente PF,que acha uma pessoa muito inteligente,muito jeitosa para falar.Disse que tomou conhecimento da experiência na época,,que quiseram usar sua Igreja(foi 1º padre do Núcleo Bandeirante). Para isto,chegaram com projetores e tudo o mais,mas ela não quis.Havia assistido uma palestra de PF sobre alfabetização,mas achou muito perigoso "aquilo de ficar falando com o povo sobre tijolo,picareta,aquelas coisas,parecia coisa de comunista." Acha ser possível localizar alguém que tenha participado como "aluno" da experiência, e prometeu anunciar isso na missa de domingo.Repetiu muitas vezes que achava muito perigoso "aquilo".Que depois da revolução vieram perguntar a ela sobre as classes,mas que ele disse que não teve aquilo lá não.Só tinha classes de alfabetização dos salesianos,Mas que não desmerece o trabalho.Citou s.Paulo:—"veja tudo e retende o que é bom." Tinha algo de bom ,acha mesmo que PF foi um heroi.

Gostaria de afirmar que o método era de uma eficiência incontestável,que os alunos realmente aprendiam a ler.

---

DEPOIMENTO Nº20

Professora da SEC-DF,na época,informou que a Secretaria não participou oficialmente da experiência- apenas algumas Diretoras de Escolas cederam salas de aula par os círculos de cultura.Indicou a depoente nº 34 como autora de um estudo sobre o ensino primário no DF que talvez contivesse informações. Indicou ainda a depoente nº 43,que pelo cargo que ocupava,deveria possuir informações,

---



DEPOIMENTO Nº 21

jornalista, radicada em Brasília desde os primeiros anos. Ficou de telefonar, caso "recordasse" algo importante da experiência, o que não aconteceu. Trabalha na SEC-FC.

DEPOIMENTO Nº 22-

radicada em Brasília há muitos anos, vinculada à área de Educação artística. Lembra da realização da experiência, mas não teve maiores informações a dar. Sugeriu a depoente nº 35.

DEPOIMENTO Nº 23

Funcionário do GDF desde o início de Brasília, vinculado com o levantamento do patrimônio histórico da cidade. Não lembra de maiores dados sobre a experiência, ficou de telefonar caso "descobrisse" algo de interesse, o que não ocorreu.

DEPOIMENTO Nº 24

Está em Brasília há menos de um ano, mas trabalhou em S. Tomé, na África, em experiências de alfabetização. Considera que PF é mais um filósofo que um pedagogo, com um posicionamento eminentemente cristão diante do Homem. Considera que seu sistema de educação tem importância nos períodos pré-revolucionários, porque "desperta" o sujeito. Mas que, após esse período, nada fica da experiência.

DEPOIMENTO Nº 25

Ex-secretário do Centro de Extensão Cultural da UnB, atualmente residindo em Belo-Horizonte. Por telefone, informou não se lembrar bem da experiência, tentaria encontrar algum material sobre a época, em caminhando-o ao grupo (nada se recebeu). Indicou o nome de um ex-aluno da UnB (depoente nº 7)

## DEPOIMENTO Nº 26

Juiz eleitoral da primeira eleição realizada em Brasília, autor de livro sobre a cidade. Não participou da experiência de aplicação do método de PF. Considera que a alfabetização de adultos funciona se ligada às formas de vida—ou seja, se o operário trabalha, participa da vida, ele recebe diversos estímulos: contar dinheiro, nome dos ônibus, anúncios, etc, que lhe possibilitam "virar-se" dentro da cidade. Além disso é necessário definir o que é o analfabeto. Por exemplo, para as eleições realizadas aqui em 1960, aqueles que sabiam "desenhar" o nome podiam receber o título de eleitor. É a favor do voto do analfabeto, porque considera que ninguém pode ser aliado de participação política na vida nacional. Para as eleições de 1960 foram registrados cerca de 40 000 eleitores, numa população que girava em torno de 60 000 habitantes (havia muita flutuação). Outro problema para alfabetizar o adulto, no seu entender, é que uma pessoa que, como no caso de Brasília, trabalhava até 14 hs por dia (ou gasta este tempo, em outras cidades, para cumprir a jornada normal de trabalho e ir e voltar para casa, geralmente na periferia das cidades), não tem condições físicas para "aguentar" frequentar classes de alfabetização.

---

## DEPOIMENTO Nº 27

Procurador e Diretor de Acampamento do IPASE, responsável pela contratação de pessoal. Não conheceu a experiência, mas "ouviu falar". Não tem dados sobre índices de analfabetismo, na época; considera que realizar experiências de alfabetização era difícil, pelas condições existentes, de trabalho, nos acampamentos, que concentravam até 1500 pessoas, em sua maioria vindas do nordeste, e interessadas sobretudo em ganhar mais dinheiro com hs extras de trabalho, para enviar às famílias ou traze-las para Brasília.

A vida social dos operários que moravam nos acampamentos era muito limitada, em decorrência do ritmo de trabalho, muito cansativo e absorvente.

Entre 1961 e 1965 houve desativação do ritmo das obras e dos acampamentos, gerou-se sérios problemas sociais—desemprego,

"invasões", Firms e Governo pressionados por Sindicatos e organizações de esquerda, greves, etc. Só em 1965, com a retomada do "ritmo de Brasília", houve certa melhora na situação. Indicou o depoente nº 32 como capaz de dar informações, porque se interessava muito pelos operários.

DEPOIMENTO Nº 28

Deputado Federal. "Vivi aqui em Brasília no período da experiência. O método usado, de PF, não deu certo, não por causa do método, que é muito bom, mas por causa das pessoas que o aplicaram. Observei a experiência de longe, tenho muitos amigos que estavam envolvidos, tenho muito interesse. Se fosse feita a alfabetização pura e simplesmente teria dado certo. O problema é que as pessoas que o aplicaram deram uma conotação de "extrema-esquerda". O método é bom porque usa figuras para ilustrar as palavras. Os aplicadores "comunistas" colocavam a população em risco porque queriam influenciar com a sua ideologia. Ensinavam: "O operário é oprimido, o patrão é opressor". Isto não podia dar certo por causa do radicalismo. A gente tem que esperar as coisas acontecerem com calma, com maturidade. Para o operário basta que o ensine a ler, que ele naturalmente se tornará de esquerda, é uma tendência natural, pois é ele que sofre.

Quando houve a revolução, que fui depor, perguntaram-me sobre a validade do método de PF. Declarei que o método é muito bom, ele tb. o que não foi bom foram as pessoas que aplicaram o método, porque estas queriam misturar alfabetização com política.

Aqui começou a experiência que se espalhou por muitas cidades satélites. O Brasil estava "como um ovo na colher", correr devagar para não cair. Havia muita euforia. As pessoas mais ligadas eram os estudantes. Tinha um amigo meu envolvido, ele era comunista. Eu nem sei por onde ele anda. Sei que aconselhava para que moderasse, que não precisava de exagero. Dizia a ele que o povo só precisava aprender a ler, e que o caminho dele ele mesmo traçaria. Ninguém faz caminho para ninguém. Mas eu também fiz política na juventude, acho que tem que deixar, não pode reprimir.

Não posso dar nomes de pessoas que estavam envolvidas porque não

sou "dedo duro". São que foi feito um filme pela Agência Nacional para ser usado na Campanha, mas não me lembro exatamente do que se tratava-se era sobre alfabetização ou assistência social. O filme ia ser passado no Cine Cultura, esse filme deve estar hoje com a SECOM.

Acho que a pessoa mais indicada para dar informações é o pp PF, um intelectual honesto. Outra indicação é o MEC, lá deve haver alguma coisa registrada. Foi muito ligado ao Ministro Paulo de Tarso, houve uma época em que trabalhei com ele. Ajudei a fazer o filme a que me referi.

Estas coisas aconteceram rapidamente. Ao mesmo tempo que isto ia acontecendo já havia a conspiração para a revolução de 64. Apesar do método ser bom acabaram com tudo, "a revolução não usa sutileza."

---

DEPOIMENTO Nº 30

Funcionária da SEC, informou não ter contato com a experiência. Sabia que eram cedidas salas de escolas da Rede Oficial.

---

DEPOIMENTO Nº 29

Funcionária do MEC, chegou à Brasília na época. Não teve nenhum envolvimento direto. Lembra que havia entusiasmo em torno da experiência, inclusive por parte do Ministro. Interessava-se em saber que disciplina é esta, onde se discute PF, uma vez que, tendo feito o mestrado de Educação na UnB, em nenhuma disciplina teve esta oportunidade.

---

DEPOIMENTO Nº 31

Ex-chefe da Casa Civil da Presidência da República, conheceu a experiência, estaria disposto a dar depoimento ao grupo, mas como estava de partida para a Europa, isso só poderia acontecer após 15/12/80 (mora no Rio de Janeiro, o contato foi feito por telefone). Considera não poder acrescentar muito, porque suas atividades na época o absorviam muito. Pensa que o pp PF é a melhor fonte de informações.

---

DEPOIMENTO Nº 32

ex-funcionário do IPASE, agora responsável por uma coluna sobre diplomacia em jornal local. Não tem informações sobre a experiência, nem sobre índices de analfabetismo. Considera que seria difícil alfabetizar nos acampamentos, pois o pessoal tinha uma jornada grande de trabalho - por interesse pp para ganhar mais dinheiro, e por pressão das Empresas e do Governo.

DEPOENTE Nº 33

Funcionária do Senado Federal. Conheceu a experiência. Em duas ocasiões foi demitida de funções pedagógicas, na SEC e na UnB. Decidiu, por isso "esquecer a educação".

Depoimento Nº 34

Agente administrativo da FEDF, agora aposentada. Não conheceu a experiência, a documentação existente acha que foi "destruída". Forneceu o histórico sobre o Esino Primário no DF, que escreveu (ver anexo 3). Indicou a depoente nº 43 como capacitada para dar informações.

DEPOIMENTO Nº 35-

Ex-professora da UnB, de onde saiu na crise de 1968, chegou à Brasília depois de 1964, por isso nada sabe da experiência.

DEPOIMENTO Nº 36

Filha de um dos principais pioneiros de Brasília. Ficou de fornecer dados, caso lembrasse de coisas importantes, o que não aconteceu.

DEPOIMENTO Nº 37

Funcionária do GDF, assistente social, trabalhou em Centros Sociais da FSS. Soube notícias, na época, da experiência, mas não a acompanhou de perto. Indicou a depoente nº 38

DEPOIMENTO Nº 38

Assistente social, aposentada, ex-chefe de Centro Social da FSS, onde se realizou experiência de alfabetização. Não lembra da experiência. Indicou o depoente nº 4

DEPOIMENTO Nº 39

jornalista e escritor, radicado há muitos anos em Brasília. Não tem informações sobre a experiência.

---

DEPOIMENTO Nº 41

Ex-Diretor Executivo da Fundação de Serviço Social. No ano de 1963 prestava serviços no MEC, sem informações a dar. Indicou o de poente nº 4 (~~Salles~~) como capaz de fornecer informações.

---

DEPOIMENTO Nº 40

Proprietária de Imobiliária, há muitos anos em Brasília; não lembra da experiência. Se conseguisse reunir alguma informação contataria com o grupo, o que não aconteceu.

---

DEPOIMENTO Nº 43

Professora primária, dirigindo Departamento da FEDF na época da experiência. Disse nada ter a informar, apesar das várias indicações de seu nome por alguns depoentes

---

DEPOIMENTO Nº 42

Professor na UFRN - realizou em Frankfurt, Tese sobre o Trabalho de Paulo Freire no Brasil (ver Bibliografia), que encaminhou ao grupo através de uma colega do mestrado.

Informou que o restante do material sobre o assunto está na Alemanha.

---

DEPOIMENTO Nº 44

Servidor da UnB. "Morava no Rio de Janeiro e vim para Brasília aos 41 anos de idade, com o deputado Antonio Guido.

No Rio fazia o Bumba-meu -boi e foi por este motivo que vim para Brasília, para fazer uma apresentação no dia 20 de abril, festejos do 1º aniversário de Brasília. Fui convidado a ficar em Brasília. Trabalhei numa granja e depois na SAB, onde não me dei bem. Vim para a UnB a convite do Dr. Darcy e é onde estou até hoje.

Participei de um curso dado pelo Departamento de Extensão, na época dirigido pelo Dr Pompeu, e que foi coordenado por Maria Augusta Bezerra Furtado, hoje bibliotecária na UnB. Os professores de alfabetização eram o filho de Eudoro de Souza, chamado Jorge, Maria Augusta e mais duas funcionárias da Secretaria Geral de Cursos. Eram 5 turmas tendo uma média de 20 pessoas.

A revolução terminou o curso, mas eu já havia saído antes. Acabou o entendimento da UnB com a comunidade, houve outras determinações.

No curso eles davam cartilha, caderno e lápis. Acho que não tinha nada com o sistema PF. A ideia do curso foi por causa da fila do "Zé Dedo" - no dia do pagamento tinha a fila dos que assinavam o nome e a fila dos que para receber dinheiro botava o dedo. Em 1963 ouvi falar do sistema de PF. Fui convidado a botar no grupo do Bumba-meu-boi mas não aceitei. Tive medo de por em risco o grupo, porque havia comentário de que o sistema tinha comprometimento com os socialistas. Aqui tinha um aluno chamado Expedito que fez umas cartilhas que provocou um reboliço. No fundo acho que era um rapaz bom que defendia a justiça social.

Anexo 2

Decretos e Portarias



ANEXO 2 -DECRETOS E PORTARIAS

- 1-decreto 51.470/72, de 22/5/62
- 2-Portaria Ministerial nº 182/63, de 28/6/63
- 3- " " nº 195/63, de 8/7/63
- 4- " " nº 203/63, de 9/7/63
- 5- " " nº 235/63, de 29/7/63
- 6- decreto nº 51552, de 26/9/62
- 7- " nº 51 867, de 26/3/63
- 8- " nº 53 465, de 21/1/64
- 9 - lei nº 5 379, de 15/12/67
- 10-Portaria nº 143, de 14/6/62
- 11- " nº 196, de 9/7/63
- 12- " nº 200, de 9/7/63
- 13- " nº 233, de 23/7/63
- 14- " nº 234, de 24/7/63
- 15- " nº 257, de 6/8/63
- 16- " nº 328, de 11/9/63
- 17- " nº 72, de 27/2/64
- 18- " nº 73, de 27/2/64
- 19- " nº 74 , de 27/2/64
- 20- " nº 75, de 27/2/64
- 21- " nº 108, de 17/3/64
- 22- " nº 109, de 17/3/64
- 23- " nº 110, de 17/3/64
- 24- " nº 111, de 17/3/64
- 25- " nº 112, de 17/3/64
- 26- " nº 91, de 16/3/64
- 27 - " nº 92, de 16/3/64
- 28- " nº 93, de 16/3/64
- 29- " nº 94, de 16/4/64
- 30- " nº 237, de 14/4/64